



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural

AS HABITAÇÕES DE *DHAKA* DE HOLA-HOLA A NORTE DO RIO SAVE
UMA ABORDAGEM ETNO-ARQUEOLÓGICA (890 - 1000 AD)

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do
grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na
Universidade Eduardo Mondlane

Por: Sebastião Domingos Manuel Chifanguco Jone

Maputo, Julho de 2022

AS HABITAÇÕES DE *DHAKA* DE HOLA-HOLA A NORTE DO RIO SAVE
UMA ABORDAGEM ETNO-ARQUEOLÓGICA (890 - 1000 AD)

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane por Sebastião Domingos Manuel Chifanguco Jone

Departamento de Arqueologia e Antropologia
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane
Supervisor: Prof. Doutor Hilário Madiquida

Maputo, Julho de 2022

O Júri:			
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
-----	-----	-----	-----

Índice

Declaração de Honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Abreviaturas.....	vi
Lista de Figuras.....	vii
Lista Fotografias	vii
Lista de Tabelas	viii
Resumo	ix
Capítulo I	1
1. Introdução	1
1.1. Objecto de Pesquisa	2
1.2. Justificativas.....	3
1.3. Objectivos de Pesquisas	4
1.3.1. Objectivo Geral.....	4
1.3.2. Objectivos específicos	4
1.4. Problematização.....	5
1.5. Pergunta de Partida	6
1.6. Hipóteses.....	6
1.7. Definição de Conceitos	7
1.8. Metodologia	10
Capítulo II - Caracterização Geográfica da Área de Pesquisa.....	11
2. Localização Geográfica da Estação Arqueológica de Hola-Hola (Aldeia Ribeirinha)....	11
2.1. Clima.....	12
2.2. Hidrografia.....	13
2.3. Solos.....	13
2.4. Formação Geológica	14
2.5. Vegetação.....	15
Capítulo III - Revisão da Literatura	17
3. Revisão da Literatura	17
3.1. História da Investigação da Estação Arqueológica de Hola-Hola (Machanga).....	19
3.2. Contextualização Geográfica (Geomorfológico), Histórica e Arqueológica da Região do Save	21
3.2.1. Geografia do rio Save (Região)	21
3.2.2. História do Rio Save	22
3.2.2. Pesquisas Arqueológicas no Save.....	25
Capítulo I V- Prospecção na Estação Arqueológica de Ilha de Chiloane e Hola-Hola	27

Trabalho do Campo.....	27
4.1. Caracterização dos Vestígios de <i>Dhaka</i> na Estação Arqueológica de Hola-Hola	31
4.2. Evidências Arqueológicas e Achados na Estação Arqueológicas de Hola-Hola.....	34
4.3. Contexto Etno-Arqueológico da Estação Arqueológica de Hola-Hola	35
4.4. Evidências da Cerâmica da Tradição Gokomere/Ziwa na Estação Arqueológica de Hola-Hola.....	38
Capítulo V- Discussão	40
5. Discussão	40
Capítulo VI – Considerações Finais	41
6. Considerações Finais	41
7. Referências Bibliográficas	43
8. Anexos	46

Declaração de Honra

Eu Sebastião Domingos Manuel Chifanguco Jone, declaro por minha honra que esta dissertação nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau e que ela é resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no corpo do texto, a bibliografia e as fontes que usei na sua elaboração.

Maputo, Julho de 2022.

(Sebastião Domingos Manuel Chifanguco Jone)

Dedicatória

Aos meus avós Carolina Tomo Chifanguco e Sebastião Jone (memória);

Aos meus pais Paulina Paz Cadimone e o Domingos Manuel Chifanguco Jone por ter mi nascido nesta terra maravilhosa;

As minhas tias Lúcia Maria Chifanguco Jone, Rosa Chifanguco Jone e Hortência Chifanguco Jone.

À minha esposa Beatriz Bola Jordane e a minha irmã Rosa Domingos Chifanguco Jone;

E aos meus filhos Carolina Jone, Domingos Jone, Armando Jone e Lúcia Jone. Obrigado Deus pai todo poderoso criador do céu e da Terra.

Agradecimentos

Os meus agradecimentos vão em primeiro lugar à Deus, pela oportunidade de vida que me tem dado.

A toda minha família, tia Lúcia Maria Jone e Hortência Jone, por criar, educar, e me incentivaram a acreditar no meu futuro melhor.

A minha avó Carolina Tomo Chifanguco (memória), tia Hortência Jone, tio Luis Filipe Chifanguco Jone e a tia Lúcia Maria Jone sempre me levaram à escola desde primeiros 7 anos de idade de modo a não abandonar. A minha esposa Beatriz Bola Jordane nos momentos tristes e alegres sempre ficou do meu lado acompanhando os meus estudos académicos desde Secundário até à Universidade.

Aos meus primos Inês Sande, Francisco Sande (memória), Carlos Jone, Mário Pangacha, Manuel Pangacha, Minora Pangacha aos meus filhos e sobrinhos agradeço bastante.

Aos meus familiares da parte da minha mãe como Fonseca Almeida da Fonseca, Judite Almeida da Fonseca (memória), Sofia Almeida da Fonseca (memória) e Matchona Paz Cadimone (memória). Estes, desde 1992 incentivaram-me a ir à escola.

Ao meu supervisor Prof. Doutor-Hilário Madiquida, que sempre acompanhou as minhas actividades e tem me ensinado incansavelmente na sala de aula, no gabinete, trabalho de campo, sempre tem paciência de mi ouvir, ensina mi as coisas de vida quotidianas, o professor que mi incentivou a amar o curso da Arqueologia (conhecer o nosso passado).

Aos meus co-familias: Albertina Ndimande, Dinho Ngomacha, Bruno Ngomacha, Anita Boavida Valoi, Paulo Ngomacha, Marta Ngomacha, Lester Samo Gonsalves, Levito Samo Gonsalves, Cleid Sambane, Shelton Sambane, Bertino Cremildo Moiane, Ana Chau e Luisa Geirazo (memória) pelos seus apoios.

Aos meus colegas da paróquia de são José da Munhava-Beira-Sofala (católicos): Helena Alfândega, Mponda João Mponda, Benedito Nhança (Missionário) entre outros, aqui não mencionados, muito obrigado.

Para todo corpo docente do Departamento da Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane como Prof. Doutor-Hilário Madiquida, Dr. Ricardo Teixeira Duarte, Prof. Doutor-Leonardo Adamowicz (memória), Prof-Doutora Solange Macamo, Doutor-Alexandre Mate, Dr^a Sónia Seuane, Dr. Décio Muianga, Dr. Mussa Rajá, Dr. Hamilton Matsimbe, Dr Humberto Macamo, Dr^a Marta Langa, Dr. Aguiar Baquete, Dr. António Manso, Dr. Reinaldo Zezela, Dr.Omar Paulo Madime, Dr^a Kátia Filipe, Dr Celso Simbine, Dr Cezár Mahumane e dr. Énio Tembe. Estes incansavelmente contribuíram de forma persistente e tolerante com o

único propósito de me ver alcançar o mais honrado objectivo de me formar. Sem eles, seria apenas um desejo o meu muito obrigado pelos seus ensinamentos.

A todos meus docentes, sem excepção, desde primário, secundário até ao ensino superior. Sem eles, eu não seria o que sou hoje.

A toda comunidade académica da Universidade Eduardo Mondlane: a secretária do departamento do curso de Geografia (dr^a Carolina Munguambe), Sociologia e Serviços Sociais (dr^a Madalena Cangela de Mendonça) bem como a comunidade estudantil. Pois que, directo ou indirectamente participaram e contribuíram positivamente na minha formação.

É incontornável reconhecer o apoio de irmão de batalha que a turma de Arqueologia e Gestão do Património Cultural do Ano 2013, de entre eles: Silvestres Cutana, Sulvai Higinio, Nilza Jeiamba, Michocho Wacha, Sérgio Muripa, Beatriz Bambo, Ana Zimba, Cândida Tamele, Adelina Tamele, Wilson Malhaze, Nito Mustaque, Sadamo Muchongo, Abiete Muchongo, Maria Sónia Gimo, Lígio Jevene, Cris Matebule, Herman Nhancale, Dário Araujo, Varsil Marcos Cossa, Rui Nhumaio, Helton Malate, Angélica Maungele, Pedro Macuvisse, Regismelinda Mauelele, Lovane Neto, Sidónio Matusse, Leonel Panguene, Jorgino Omar, António Resende, Aita Namutapia, João Campos Mucasse e Luisa Lovane. Aos meus colegas que vejo como minhas irmãs e amigos da universidade. E aprendi muitas coisas no trabalho do campo e sempre me ensinam boas coisas da vida: Ester Matambisso, Ilda Pennicela, Ivo Microce e Elisa Mafumo por ter me dado força na vida social e académica.

Aos meus amigos Carlitos Adriano, Marina Bartolomeu Max e Mauro Mussengue e que sempre aconselharam e acompanharam a minha vida.

Aos meus colegas e meu superior hierárquico do Ministério da Defesa Nacional na especialidade de Polícia Militar (Comando da Polícia Militar e Escola de Formação de Polícia Militar): Coronel Afonso Mangave, Tenente Coronel Joaquim Mateus Chinhacuzza, Tenente Coronel Ângelo Buque Semende (memória), Tenente Coronel Zacarias Seventine Simango, Tentente Coronel Abel Damião, Major Carmon Tomás, Capitão Natalino Machevo (memória), 1º Sgt José Armando Manuense, 1º Sgt Ricardo Hugo, 2º Limpo Colónio, 2º Sgt Ernesto Mostiço, Furriel Aurélio Biaque, Furriel António Meneses, e mais colegas que me ajudaram directa e indirectamente neste trabalho e sempre me aconselham sobre a vida quotidiana, o meu muito obrigado.

Agradeço aos académicos e aos dirigentes que me inspiro no mundo e em Moçambique, e são honestos como tal: Prof. Doutor-Hilário Madiquida (Arqueólogo e Chefe no DAA), Dr. Koffi Anan (Diplomata e ex-Secretário Geral da Nações Unidas), Dr Gerhard Liesengang

(Historiador-memória), Dr. Ricardo Teixeira Duarte (Arqueólogo), Dr. Alexandre Mate (Antropólogo), Prof. Doutora-Solange Laura Macamo (arqueóloga e ex-chefe do DNPC), Papa João Paulo II (memória), Padre António José Aguilar Verdugo (Ciências Sociais e ex-Parco da paróquia de são José da Munhava-Beira), Dr. Tomé Mbuia João (Historiador, Jornalista da voz da América, memória), Dr^a Georgina Alfredo (Directora do IFAPA), Dr. Florentino Dick Kassotche (Diplomata), Dr. Lourenço do Rosário (Linguístico e ex-Reitor da Politécnica), Dr. Pedro Comissário Afonso (Diplomata, ex-Embaixador de Portugal, Genebra, Estados Unidos da América, Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiro e Cooperação, actual alto comissário das Nações Unidas), Dr. Ivo Garrido (Médico, Ex Ministro da Saúde), Dr. Mussa Rajá (Arqueólogo), Dr^a Maria Gustavo (Diplomata, Ex. Embaixadora da Tailândia), Dr. Felício Pedro Zacarias (ex-Governador de Manica, Sofala e ex-Ministro das Obras Públicas e Habitação-memória), dr^a Victória Dias Diogo (Linguista e ex-Ministra do Trabalho, Chefe do Estado da cidade de Maputo), Dr. Paulino Macarringue (ex-General do Exército, Embaixador da África do Sul e Madagáscar). Dr. Adrien Delmas (Historiador e Coordenador do Instituto da Arqueologia na França), Danúbio Lihabe (Antropólogo), Severine e Rafael (Jornalistas), Jules Fremaux (Arqueólogo), Dr Aires Ali (ex-Primeiro Ministro e Embaixador da China), Dr^a Sónia Seuane (Antropóloga), dr^a Maria Luisa Microce (Contabilista), Dr Celso Simbine (Arqueólogo) e Dr. César Mahumane (Arqueólogo). Estes para mim são exemplos de referência da minha vida.

Abreviaturas

AD: Anno Domini (Nossa Era).

BP: Antes do Presente.

CEA: Centro dos Estudos Africanos.

DAA: Departamento de Arqueologia e Antropologia.

DNPC: Direcção Nacional do Património Cultural.

EFC: Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores.

ENM: Editora Nacional de Moçambique.

FAO: Organização para Nações Unidas para Alimentação e Agricultura.

FPLM: Forças Populares de Libertação de Moçambique.

GZ: Gokomere/Ziwa.

HM: História de Moçambique.

IP: Idade da Pedra.

IFAPA: Instituto de Formação de Administração Pública e Autárquica.

IF: Idade do Ferro.

IFI: Idade do Ferro Inicial.

INDE: Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação.

IICM: Instituto de Investigação Científica de Moçambique.

Lista de Figuras

Figura 2.1: Localização Geográfica da estação arqueológica de Hola-Hola (Adaptado por Braimo Ali. Geógrafo 2022).	11
Figura 2.2: Distribuição geográfica dos tipos de solos no distrito de Machanga, província de Sofala. Elaborado por MAE 2014.....	14
Figura 3.3: Mapa elaborado por INDE(ENM) 2009:16 (Adaptado por Braimo Ali Geógrafo 2022). Geomorfologia e Hidrografia de Moçambique e em particular na região do estudo. ...	22
Figura 3.4: Mapa de localização de Hola-Hola, Chiloane, rio Save (Área da província de Sofala e uma parte da província de Inhambane), (Google Earth).....	24
Figura 3.5: Comércio activo com o médio oriente (árabes) e os portugueses nas cidades do litoral africano (Oceano Índico), o terminus da "estrada do ouro" que ligava o grande Zimbabwe à costa de Moçambique (caravanas), (Mapa adaptado do Google Earth).	24
Figura 3.6: Mapa elaborado por Paul Sinclair 1985:5. (Adaptado por Braimo Ali 2022). A área de pesquisa arqueológica na região do Save	26
Figura 4.7: Mapeamento da zona de escavação em Chiloane-Machanga-Sofala. Google Earth.....	29
Figura 4.8: Mapeamento da zona de escavação em Hola-Hola-Javane-Machanga-Sofala. Google Earth.....	30
Figura 4.9: A área de pesquisa arqueológica na colina de Hola-Hola e a margem do rio Save. Mapa, elaborado por Paul Sinclair 1985:15 (Adaptado por Braimo Ali 2022).	33
Figura 4.10: Mapa elaborado por Atlas Geográfico 1986:36 (Adaptado por Braimo Ali 2022). Grupos étnicos de Moçambique.....	37
Figura 11: Tradições Culturais da idade de Ferro Inicial (Mapa de Moçambique e países vizinhos). Elaborado por Duarte 1987:44 (Adaptado por Braimo Ali 2022).	47
Figura 12: Estações arqueológicas referenciadas no texto (Mapa de Moçambique e países vizinhos). Elaborado por Duarte 1988:73 (Adaptado por Braimo Ali 2022).	48
Figura 13: Mapa de África com algumas estações arqueológicas referenciadas no texto. Elaborado por Madiquida 2015:19.	49
Figura 14: O mapa da Costa Oriental da África entre os séculos X e XV AD. com algumas estações arqueológicas mencionadas no texto. Madiquida 2015:63 Adaptado por Chittick 1975.....	50
Figura 15: Grandes Unidades Geológicas de Moçambique. Imagem do Google.....	51

Lista Fotografias

Fotografia 2.1: Vegetação (Hola-Hola ao Norte do rio Save e a sul do Jofane). Foto: Madiquida 2019.	16
Fotografia 3.2: Mamuchangas ou caniço no rio Save. Foto: Madiquida 2019.....	20
Fotografia 3.3: Estação arqueológica de Hola-Hola junto ao rio Save. Foto: Madiquida 2019.	21
Fotografia 4.4: Sanja de 1mx2m da escavação de 10 cm até 40 na Ilha de Chiloane. Foto: Madiquida 2019.	29
Fotografia 4.5: Sanja do tipo teste. Escavação arqueológica 1m x 1m na encosta da colina próximo do rio Save, Hola-Hola. Foto: Madiquida 2019.	30
Fotografia 4.6: Sanja 2mX2m no cimo da colina, Hola-Hola. Foto: Madiquida 2019.....	30
Fotografia 4.7: Sanja 1m x 2m no cimo da colina, na área de 001(topeira), Hola-Hola. Foto: Madiquida 2019.	31

Fotografia 4.8: Vestígios de <i>dhaka</i> e amontoado de pedra calcária visível à superfície no cimo da colina. (amontoados de pedra ou resto de casa antiga) Hola-Hola (Foto Madiquida 2019).	32
Fotografia 4.9: Fragmentos de olaria recolhidas na estação arqueológica de Hola-Hola na pesquisa feita pelo prof. Madiquida 2019. Foto: Madiquida 2019.	34
Fotografia 4.10: Fragmentos de <i>dhaka</i> recolhidos na estação arqueológica de Hola-Hola na pesquisa feita pela equipa liderada pelo prof. Madiquida. Foto: Madiquida 2019.	39
Fotografia 11: Estação arqueológica de Hola-Hola e vista parcial do rio Save. Foto: Madiquida 2019.	46

Lista de Tabelas

Tabela 4.1: Calendário Anual das Actividades Agrícolas em Hola-Hola. Elab. por prof. P. Sinclair 1985:21	37
Tabela 4.2: Características mais Comuns ou Descrição da Olaria da Tradição GZ	39

Resumo

As construções de habitação de *dhaka* têm a ver com as comunidades de agricultores e pastores do primeiro milénio AD, nessa época o homem sempre se preocupou em povoar em volta das bacias fluviais, na zona costeira e em simultâneo nas encostas dos planaltos do interior. Na análise do contexto arqueológico de Hola-Hola, verifica-se que houve diferenciação social das comunidades de agricultores e pastores devido a sequência de cerâmica, a questão das aldeias habitacionais antigas e o espaço propício para a agricultura e pastagem do gado nas margens do rio Save, ou seja, em volta da colina (Morais 1978).

A estação arqueológica de Hola-Hola (Machanga-Sofala) e a estação arqueológica de Mavita (Sussundenga-Manica) são as únicas a nível da África Austral com fundações de *dhaka* visíveis e intactas, com vista a um estudo sistemático sobre aldeias dos povos falantes de línguas bantu da tradição Gokome/Ziwa no primeiro milénio AD. A estação arqueológica de Hola-Hola (aldeia ribeirinha), é contextualizada pela tradição Gokomere/Ziwa semelhantes a estação arqueológica de Mavita, Ponta Dundo I e Ponta Dundo II, Nhachengue e Chibuene (Inhambane). Embora Chibuene tenha também a tradição Matola (Madiquida 2006:1 e Duarte prs. com 2017).

A estação arqueológica de Hola-Hola é rica em recursos faunísticos uma vez que se localiza na margem do rio Save (interior), e depois da costa do oceano Índico. Os vestígios estão visíveis e nota-se amontoados de casas antigas e *dhaka* dispersos juntos das superfícies da colina. A área do estudo para elaboração deste trabalho localiza-se entre dois distritos: Machanga (Sofala) a norte e o distrito de Govuro (Inhambane) a sul, que são separados pelo rio Save. O distrito de Machanga é potencialmente rico em recursos hídricos, solos aráveis e sofre de estiagem (IICM 1977, Sinclair 1985 e Atlàs Geográficos 1986).

O distrito de Govuro, Inhassoro e uma parte de Vilanculos (Inhambane) o solo é pobremente drenado e as florestas apresentam uma paisagem seca. O distrito de Mabote (Inhambane) também é pobre em recursos hídricos, apenas o lago banamana conserva pouca quantidade dos recursos hídricos no tempo chuvoso, e as comunidades locais aproveitam para o cultivo e pastagem do gado (Ibid).

Palavra-Chave: *Dhaka*, Gokomere/Ziwa, Habitação, Hola-Hola e Tradição.

Capítulo I

1. Introdução

As construções de habitação de *dhaka*, na estação arqueológica de Hola-Hola, estão associadas à tradição Gokomere/Ziwa. O tema em estudo relaciona-se com o delta do rio Save por se tratar de uma área geográfica onde até hoje muito pouco investimento em arqueologia foi feito, daí resulta do conhecimento deficiente dos variados aspectos relacionados com a ocupação humana, particularmente durante o primeiro e o segundo milénio AD (Filipe 2013:90).

O estudo arqueológico das comunidades de agricultores e pastores está relacionado com a questão da migração bantu e o desenvolvimento da economia de produção alimentar na África Austral, durante os últimos 3000 anos. Assim, para percepção deste período, os arqueólogos da África Austral e Oriental formularam teorias e conceitos, sobre migração bantu, com base nos resultados das pesquisas arqueológicas e fontes linguísticas (Morais 1978 - Macamo 2014).

Um dos principais vestígios arqueológicos deste período consiste na olaria, cuja análise permite identificar as principais tradições arqueológicas assumidas como formas identitárias de grupos culturais na região. Estes grupos se dispersaram desde dos Camarões (região dos grandes lagos) em direcção a sul da costa da África Austral onde fixaram as suas aldeias semi-permanentes e permanentes (Ibid).

Assim, a estrutura do trabalho é composta por (6) capítulos, nomeadamente:

Primeiro capítulo: apresenta-nos os itens introdutórios do trabalho (introdução, objecto do estudo, justificativa, objectivos de pesquisa, problematização, pergunta de partida, hipóteses, definição de conceitos e metodologia de trabalho);

Segundo capítulo: faz a descrição da estação arqueológica e a contextualização do objecto de estudo (localização geográfica da estação arqueológica, suas características, sob ponto de vista climático, geológico, hidrográfico, solos e vegetação);

Terceiro capítulo: apresenta a revisão da literatura sobre as habitações de *dhaka* a norte do rio Save, história de investigação da estação em estudo, descrição da aldeia ribeirinha de Hola-Hola, geomorfologia da região do Save, contexto geográfico, histórico e arqueológico);

Quarto capítulo: apresenta os resultados de prospecção da estação arqueológica de Hola-Hola (trabalho do campo, caracterização dos vestígios de *dhaka*, evidências arqueológicas e o contexto etno-arqueológico);

O **quinto capítulo:** faz uma abordagem sobre as discussões dos diferentes autores do tema em estudo.

E por fim, o **sexto capítulo:** é reservado às considerações finais onde serão apresentadas as notas conclusivas do trabalho.

1.1. Objecto de Pesquisa

O presente trabalho têm como objectivo principal analisar as primeiras construções de habitação de *dhaka* na estação arqueológica de Hola-Hola associadas à tradição Gokomere/Ziwa em Moçambique no contexto dos povos falantes de linguas bantu no primeiro milénio AD. Estas comunidades de agricultores e pastores construíam casas (palhotas) com o material local que é o barro queimado (*dhaka*).

Quando tratamos das comunidades de agricultores e pastores, os recursos hídricos, a cerâmica e as *dhaka* constituem um suporte fundamental do estudo das habitações do grupo populacional antiga a ser interpretados arqueologicamente. As comunidades de Hola-Hola também têm haver com a estratificação social, os chefes viviam na colina e os restantes nas encostas da colina. Portanto, isso na margem do rio Save onde praticavam a agricultura, a pastórcia em pequena escala e a fundição de ferro.

O estudo geológico confirma que a região norte de Moçambique é a mais antiga (fase pré-câmbrica) em relação a região centro e região sul de Moçambique que são mais recentes (fases terciária e quaternário), as mudanças geomorfológicas no período quaternário indicam que o rio Save e as proximidades da localidade de Jofane no posto administrativo do Save, estavam no nível da colina, e mais tarde no período Holoceno, devido aos fenómenos naturais alterou o curso do rio encontrando-se na posição actual (Muchangos 1999, Madiquida prs.com 2019).

1.2. Justificativas

A escolha do tema está relacionada com o meu interesse sobre a estação arqueológica de Hola-Hola, na qual dentro do processo da aprendizagem do curso de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural, constatei ser importante aprofundar a pesquisa da referida estação, no que diz respeito ao estudo das primeiras comunidades de agricultores e pastores olhando para as habitações de *dhaka* a norte do rio Save numa abordagem etno-arqueológica (890-1000 AD). Outra razão da escolha do tema é da estação não estar bem investigada e a descrição de habitações de *dhaka* pouco claras.

A África é rica em termos das estações arqueológicas das primeiras comunidades agrícolas, sobretudo, África Austral, particularmente em Moçambique. Isto deve-se a existência de muitos recursos como a flora, fauna, recursos hídricos e as paisagens naturais que atraíram as comunidades pré-históricas (Sinclair 1985:5).

As primeiras escavações arqueológicas em Moçambique foram realizadas em 1907 pelo Alemão Carl Wiese na caverna de Chifumbaze no distrito de Chifunde na província de Tete, seguidas pelas de Wieschoff em 1931 nos dois amuralhados da província de Manica (Trabal. Arqueol. Antropol n°1 1980:3).

Gradualmente surge em Portugal um crescente interesse pela antropologia física, que culmina em 1936 com a criação da Missão Antropológica de Moçambique contando-se com Mendes Correia e Santo Júnior. Estes investigadores portugueses escreveram sobre a pré-história local. Na região da África Austral, Moçambique foi visitado por arqueólogos Sul Africanos como Van Riet Lowe e L.H Wells. Todas estas pesquisas contribuíram de alguma forma para a criação em 1943 da comissão dos monumentos e relíquias históricas de Moçambique, que tinha como objectivos gerais, a conservação, promoção e valorização do património arqueológico, histórico e cultural como testemunho de veneração das gerações passadas e como meio de interesse turístico (Ibid).

Assim, na década 70 e após a independência nacional iniciou o processo de investigação arqueológica sistemática em Moçambique, onde privilegiaram estudos sobre a idade de ferro especificamente, para a compreensão das comunidades de agricultores e pastores na região norte, centro e sul de Moçambique. Esta investigação teve como o objectivo principal de estudar a história antiga de Moçambique e a sua divulgação (Duarte 1988).

Por conseguinte, as pesquisas foram realizadas durante o período de conflito com o regime Rodesiano (Zimbabwe) e, portanto, o escopo de pesquisa foi limitado. O trabalho de pesquisa foi realizado principalmente a pé com a protecção dos soldados das FPLM e das milícias

locais (guerra de desestabilização no território nacional ou guerra civil de 16 anos)-(Sinclair 1985:4).

Nos últimos anos, as pesquisas arqueológicas em Moçambique estão sob responsabilidade do Departamento da Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane que resultou do desenvolvimento da investigação arqueológica no então instituto de investigação científica de Moçambique, actual centro dos estudos africanos (CEA).

Esses estudos permitiram a identificação de diferentes estações arqueológicas em diferentes contextos geológicos quer nas regiões planálticas do interior quer nas regiões costeiras. As colecções provenientes dessas pesquisas também serviram na definição das tradições cerâmicas da idade do ferro em Moçambique.

1.3. Objectivos de Pesquisas

1.3.1. Objectivo Geral

- Analisar as habitações de *dhaka* a norte do rio Save, em particular, a estação arqueológica de Hola-Hola e procurar entender os padrões de assentamentos no contexto das primeiras comunidades de agricultores e pastores na região centro de Moçambique.

1.3.2. Objectivos específicos

- Documentar a migração dos povos falantes de línguas bantu para a região central e sul de Moçambique;
- Descrever as habitações de *dhaka* da estação arqueológica de Hola-Hola e a expansão da tradição Gokomere/Ziwa para a costa de Moçambique;
- Identificar os padrões de assentamentos da tradição Gokomere/Ziwa na estação arqueológica de Hola-Hola no Contexto etno-arqueológico;
- Analisar a região do Save no contexto geográfico (Geomorfologia), histórico, arqueológico e recursos;

- Analisar e interpretar as evidências e achados encontrados na estação arqueológica de Hola-Hola e, principalmente, evidências da cerâmica da tradição Gokomere/Ziwa.

1.4. Problematização

O agrupamento do povo moçambicano em entidades distintas, apresenta os seus problemas. Se por um lado a tradicional divisão em etnias têm como base uma desactualizada da realidade moçambicana, que foi proporcionada pela etnologia colonial, por outro lado é um facto inegável que existe uma diferenciação entre diversos grupos, com características sócio-culturais próprias que os distinguem uns dos outros (Duarte 1987:31-33).

As línguas são características mais marcantes e que individualiza estes grupos culturais como as artes, costumes e hábitos no ponto de vista histórico, antropológico, geográfico e arqueológico. Pode se individualizar pormenores respeitantes à formação e percurso histórico de cada um dos grupos populacionais. Também no campo da organização social, fundamentalmente no que respeita à organização familiar reflectida nos diferentes sistemas de parentesco, a diversidade é marcante (Ibid).

Dentro de todos estes aspectos, existe no entanto muito em comum, englobando características semelhantes que se estendem em várias áreas. Ao abordar as características de cada um destes grupos, não se deve esquecer toda uma perspectiva histórica, carregada de enormes transformações e mudanças derivadas dos movimentos migratórios, guerras e outros eventos que se deram ao longo dos séculos (Duarte 1987:31-33).

De certa forma, os diferentes grupos populacionais nunca viveram isolados entre si e, em grande parte, as características que os individualizam foram resultados de um processo de competição, muitas vezes bastante conflituoso entre eles. E ainda, a ausência de documentação dificulta o acesso ao passado. As tradições orais apresentam-se, na maioria das vezes, completamente distorcidas em relação à realidade, no que respeita a esta problemática (Ibid).

A pesquisa feita pelo professor Duarte, concluiu que todos os informantes se reportavam a grupos vindos de outras zonas, afirmando, na maioria dos casos, que antes desses grupos chegarem não vivia ninguém na região e este período de tempo cobria somente entre três ou quatro gerações. No outro caso, afirmaram que quando ali chegaram os seus avós, as pessoas não conheciam o ferro e praticavam a agricultura com paus (Duarte 1987:31-33).

Ora, estas tradições entram em flagrante contradição com os vestígios arqueológicos que mostram ser a região já habitada por agricultores e conhecedores do uso dos metais desde o primeiro milénio AD (Ibid).

E para tal, a grande maioria dos habitantes de Moçambique é constituída por povos agricultores de origem bantu. As suas origens muito restam por descobrir, mas uma profusa bibliografia existe sobre a expansão dos povos supracitados e que são conhecedores da metalurgia, que povoaram extensas regiões da África ao sul do Sahaara (Duarte 1987:31-33).

1.5. Pergunta de Partida

- Como podemos perceber a tradição Gokomere/Ziwa nas análises das construções de habitações de *dhaka* dos primeiros agricultores e pastores em Moçambique no contexto etno-arqueológico?

1.6. Hipóteses

- A revisão bibliográfica feita leva-nos a perceber que a estação arqueológica de Hola-Hola carece de estudos sobre as habitações de *dhaka* numa abordagem etno-arqueológica (890 - 1000 AD). O presente trabalho pretende identificar os problemas existentes na investigação anteriormente feita por Sinclair e a sua brigada em 1977. Será que, realmente essas comunidades é resultado das migrações dos agricultores e pastores para a costa?
- A estação arqueológica de Hola-Hola em Moçambique situa-se a cerca de 87 km da costa em linha recta e 100 km ao longo do rio Save. A estação é das primeiras aldeias de agricultores e pastores do primeiro milénio AD. Para a construção das casas das referidas comunidades, usavam *dhaka* para assentar as suas habitações ou palhotas.
- No contexto etno-arqueológico assiste-se até hoje, a existência de habitações contemporâneas na encosta da colina (zona baixa) e que nos parecem viver o estilo do passado, onde praticam agricultura, criação de gado familiar como: bovino, caprino e algum momento o gado suíno e também, criam galinhas.

1.7. Definição de Conceitos

Para compreender o tema em estudo as habitações de *dhaka* de Hola-Hola a norte do rio Save uma abordagem etno-arqueológica (890 - 1000 AD), importa a definição de alguns conceitos que se seguem e que diferentes autores abordam de forma diversificada.

Aldeia: povoação; pequeno lugar povoado, com casas, no meio rural. Tem sido usado no sentido de um conjunto de casas pertencentes a indivíduos ou grupos, economicamente independentes embora reconheçam antepassados comuns. Os grupos desenvolvem ocasionalmente algumas actividades em conjunto (em geral ritos religiosos, e, eventualmente defesa contra exterior), (Macamo 2003:13).

Artefacto: entende-se como qualquer produto do trabalho humano, que provêm de modificação da matéria prima, passível de ser transportado. No seu sentido mais restrito inclui instrumentos de trabalho, armas, objectos de *culto*, objectos de arte e cerâmica. Assim como restos de flora e fauna modificados pela actividade humana (Menezes 2002:19).

Cerâmica: é barro cuja principal componente é a argila, quando seca perde grande parte da água que contém, readquirindo-a, porém, logo que é humedecida. No entanto, se cozido a temperaturas acima de 1000°C vai ficando um utensílio impermeável. A produção sistemática de objectos de cerâmica surge no VII milénio BP, simultaneamente na região actualmente ocupada pela Turquia, Síria e Curdistão. Posteriormente a tecnologia de fabrico de cerâmica foi sendo difundida ou descoberta por outras regiões do globo terrestre. Com o decorrer do tempo, à argila foi-se acrescentando outros produtos que contribuíam para o melhoramento da pasta, modificando-se igualmente as condições de cozedura e decoração dos objectos (Menezes 2002:39).

Comunidades de Agricultores e Pastores ou Agro-Pecuárias / Pastoris: designação dada pelos arqueólogos na África Austral em substituição da clássica " idade do ferro ". Os arqueólogos dividem estas comunidades entre inicial (primeiras comunidades) e tardio. Contudo, Huffman (2007) subdivide essas comunidades em inicial, médio e tardio. Estes períodos correspondem ao primeiro e segundo milénios AD; respectivamente. Todavia, estes são termos cronológicos no sentido restrito. Referem-se, também, a unidades arqueológicas com certos estilos de cerâmica e tipos de economia (Macamo 2003:27).

Cronologicamente, as comunidades de agricultores e pastores são agrupadas em "primeiro milénio" e "segundo milénio" (Ibid).

Construção/Construções: designa edificações de diversas formas e volumes (quadrados, circulares, piramidais; etc.), feitas de diversos materiais de acordo com os estilos arquitectónicos (Macamo 2003:28).

Contexto: é compreensão do objecto ou achados arqueológicos, em relação ao achado em si e outros achados ou a situação em que este se encontra (Macamo 2003:28).

Dhaka: termo de origem Nguni, que significa argila dura. A sua função é de barrear ou impactar soalhos de certas construções como a maioria das palhotas em Zimbabwe, em especial a casa de Shona de arquitectura tradicional. Este termo é vulgarmente utilizado dentro do estudo da arquitectura dos Zimbabwes (Macamo 2003:31-32).

De acordo com Silva Andréa (2009:121), **Etno-arqueologia:** é uma especialidade da arqueologia que investiga as sociedades contemporâneas e sua relação com o mundo material. Desta forma, o seu desenvolvimento como disciplina, ressalta o debate em torno da relação entre etno-arqueologia e analogia etnográfica.

A designação do termo Etno-arqueologia data nos finais do século XIX, mas teve destaque na década 60 (1960). Com isso, foram produzidos vários trabalhos, especificamente, para colectar dados etnográficos com o objectivo de contribuir na interpretação arqueológica (Binford 1967 e 1968 Citado por Silva 2009:28).

Gokomere/ziwa: esta tradição foi encontrada na colina de Gokomere no Zimbabwe, mostra-se frequente em zonas planálticas e pertence ao primeiro milénio AD. Há evidências das ocorrências nas províncias de Manica, Sofala e Inhambane (Vogell 1978).

Geomorfologia: é uma das ciências da terra (Geografia-Física) responsável pelo estudo das formas superficiais de relevo tanto em suas fisionomias actuais quanto em seu processo geológico e histórico de formação e transformação (Werlang 2019:12-13).

Idade do Ferro: termo utilizado na África subsaariana, iniciou apenas com um sentido tecnológico, tendo hoje um sentido cultural e estratigráfico; com efeito "Idade" designa uma

divisão do tempo geológico e o termo "Ferro" encontra-se associado à tecnologia do uso dos metais (Menezes 2002:91).

Para muitos dos investigadores a designação "Idade do Ferro" corresponde a uma etapa do desenvolvimento social em que existe já "Sedentarização" (existência de aldeias semipermanentes ou permanentes), se desenvolve a agricultura de produção de cereais, e onde grande parte dos instrumentos de trabalho são fabricados em metal - especialmente ferro. Estão também presentes a metalurgia do cobre e do ouro. Este período está associado ao fabrico de olaria, factor importante para o estudo dos antecedentes culturais (Ibid).

Olaria: Termo genérico utilizado para designar vasos de cerâmica, constituindo o principal critério para definir as tradições arqueológicas do neolítico ou das primeiras comunidades agro-pecuárias da África Austral (Macamo 2003b:55).

Palhota: Tipo de construção da arquitectura tradicional, feito de pau-a-pique previamente escolhido e enterrado em buracos abertos e depois reforçados com ripas de bambú ou outras madeiras cuidadosamente amarradas com fibras de vegetais. As suas paredes são posteriormente maticadas com barro (matope ou *dhaka*). Tanto o modo de barrear as paredes, como a forma das casas e de cobertura variam de região para região (Macamo 2003b:55).

Povoado: lugar com casas habitadas ou aldeia (Macamo 2003b:58).

Tradição: é continuum de mudanças culturais graduais através do tempo, representando o desenvolvimento sequencial de uma dada cultura numa determinada região. Segundo opinião de certos investigadores, trata-se de um grupo de indústrias cujas similaridades a nível dos artefactos produzidos são suficientes para sugerir que eles pertenceram a um grupo histórico-cultural mais lato, com práticas e ideias tecnológicas próprias. (Menezes 2002:182).

1.8. Metodologia

Segundo Marcon e Lakatos (2003), existem quatro métodos para a construção de um conhecimento científico (método indutivo, método dedutivo, método hipotético-dedutivo e método dialéctico). Tratando-se da Arqueologia, ciência do passado, não se abstém do uso destes métodos. Assim, o presente trabalho baseou-se no método dedutivo, buscando desta maneira as características gerais no que concerne as habitações de *dhaka* em Hola-Hola a norte do rio Save numa abordagem etno-arqueológica (890 - 1000 AD). Deste modo, temos os seguintes detalhes abaixo:

- Análises comparativas das cerâmicas no espólio do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), com a cerâmica recolhida no campo;
- Leitura, Interpretação, análises de *dhaka* recolhida na estação arqueológica de Hola-Hola;
- Visita ao Arquivo Histórico de Moçambique (AHM);
- Elaboração do Trabalho.

Capítulo II - Caracterização Geográfica da Área de Pesquisa

2. Localização Geográfica da Estação Arqueológica de Hola-Hola (Aldeia Ribeirinha)

No âmbito da divisão política da república de Moçambique na década 1980, o distrito de Machanga na província de Sofala estava dentro do distrito de Chibabava e mais tarde com a nova divisão administrativa passou a ser distrito de Machanga. A estação arqueológica de Hola-Hola localiza-se no distrito de Machanga, situado a Sul da província de Sofala, possui os seguintes limites geográficos: a Norte com o distrito do Búzi; a Sul com a província de Inhambane através do rio Save que o separa do distrito de Govuro; a Oeste com os distritos de Chibabava e Machaze (Manica); a Este é banhado pelo Oceano Índico (Atlás Geográfico 1986 - Mpinda 2011:137).

A área do distrito é de 9.882 km² de extensão, incluindo a coutada n.º 5 com cerca de 5 km² e 16 Ilhotas. O distrito de Machanga é constituído por três postos administrativos, nomeadamente, a Sede (Mavinga), Divinhe e Chiloane, 8 Localidades e 85 povoados (Ibid). A estação está no topo de uma colina, com as seguintes coordenadas geográficas (actuais):

Sul 21° 18' 16.4" E 034° 18' 29.1", S 21° 18' 10.7" E 034° 18' 26.8" e, Sul 21° 18' 02" E 034° 18' 23.7" (Madiquida e sua equipa 2019).

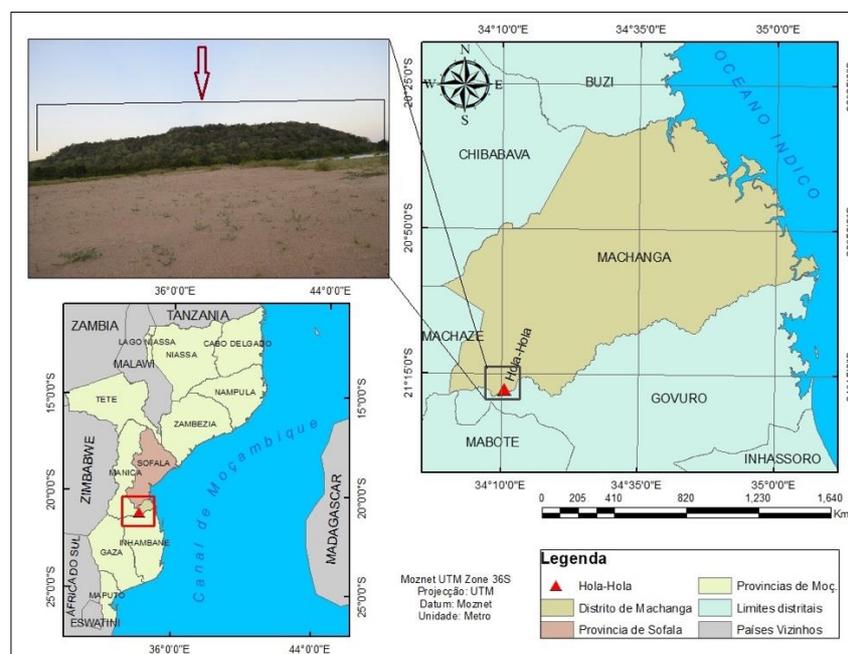


Figura 2.1: Localização Geográfica da estação arqueológica de Hola-Hola (Adaptado por Braimo Ali. Geógrafo 2022).

2.1. Clima

O clima do distrito de Machanga é do tipo tropical chuvoso de savana (segundo a classificação climática de Koppen), o distrito no seu todo também é influenciado por um clima seco de estepe com inverno seco e de clima temperado húmido. A precipitação média anual é da ordem dos 870 mm a 880 mm. Em geral, a distribuição das chuvas ao longo do ano, pode ser irregular e desigual devido as influências climáticas que ocorrem no mesmo distrito. A evapotranspiração média anual é superior à precipitação média anual, rondando cerca de 1400 a 1500 mm (Mpinda 2011:141).

A temperatura média anual é de 23,4°C, com temperaturas mais altas nos meses de Dezembro a Fevereiro. As mínimas ocorrem durante a época fresca nos meses de Junho e Julho. A geomorfologia geral do distrito é constituída por sedimentos de “Mananga” com camada superficial de areia inferior a 20 cm de profundidade e por coluviões do mesmo material e de aluviões Holocénicos. Os solos de Mananga são, geralmente, depósitos antigos e sódicos duros de pleistoceno (MAE 2014:1-2).

O meio ambiente do distrito é grandemente influenciado pelas condições naturais, com destaque para cheias, ciclones, seca, queimadas descontroladas e erosão. O distrito localiza-se numa zona de planície, atravessado pelo rio Save, que sofre regularmente influência das descargas efectuadas nos países vizinhos. Devido a sua localização geográfica, o distrito é propenso a acções de correntes fortes de ar provenientes do mar, que as vezes devido a baixas pressões, por estar localizado na zona de planície, provocam ciclones (Mpinda 2011:142-143).

Os factores climáticos, aliados ao tipo de solo que ocorre no distrito, fazem com que este sofra ciclicamente de estiagem/seca, que de certa forma provoca a perda de culturas e baixa produção, escassez de pastos e de fontes de água para a abeberação do gado. As queimadas são um problema ambiental que afecta maior parcela do distrito, protagonizadas, na maior parte das vezes, por caçadores furtivos e pessoas que cortam sura (bebida extraída de árvores de palmeiras silvestres), e no tempo seco é notória por todo o distrito a acção das queimadas com grandes consequências sobre a vegetação e outras componentes ambientais (Mpinda 2011:142 -143).

2.2. Hidrografia

Segundo Mpinda (2011:142) o distrito, tem um grande potencial hidrográfico, desde águas marinhas, fluviais e lacustres, isto é, possui uma linha de costa marítima na parte Este que se estende desde a foz do rio Save / Lihua-Chicota à localidade de Buene, que o separa de Ampara-Búzi, através do canal do mar (Oceano Indico).

Em relação as águas interiores destacam-se o rio Save como o maior que percorre o distrito, numa extensão de cerca de 125 km, da localidade de Javane à foz. Existem também outros rios como: Gorongosa, Repembe, Muari, Bunga, Limbave, Chicambaje e Pepa. Em termos de lagoas destacam-se as seguintes:

- Posto Administrativo Sede (Mavinga): Nhambande, Nhacassicane, Nhangonde, Muvi, Nhahole, Nhamuteia, Nhadua, Gomanha, Duetue, Nhamua, Nhamatevere, Chissocossa, Zingundo, Nhamunanga, Missine, Chuvelua, Nharuche, Mphetsa, Chibotua, Inhagumbe, Nharupangue, Monzo, Gribonda e Bumbua.
- Posto Administrativo de Divinhe: Davendave, Nhabumbuire, Chipuri, Nhazuitche, Mahando, Nhautchero, Zimbiri, Madicana, Nhanguena, Bongote e Nhanjou.

2.3. Solos

Encontra-se a 100 m de altura em relação a formação Jofane (terraço mais antigo do rio Save), os solos são geralmente compactados e argilosos, de cor castanha, com presença de material calcário, em resultado da formação do Karoo e por areia de textura média, os solos são organicamente pobres, devido a acumulação de argila e lama. A região é tida como boa para o cultivo da mexoeira, mas má para o sorgo (mapira), contudo, os padrões de agricultura tradicional mostram que o milho ocupava cerca de 55.5% da área total agrícola, seguido do sorgo com 45% e o feijão com 2% (Sinclair 1987:81-82 e Morais 1988:110).

A localização do Hola-Hola é importante dado o seu lugar privilegiado no topo da colina. As áreas mais baixas em Hola-Hola são favoráveis para a agricultura e os arredores são bons para pastagens (Sinclair 1985, 1987:83).

As condições geológicas e o clima constituem a base originária dos solos que se desenvolvem nesta região da bacia hidrográfica do rio Save. Como consequência desta origem, alguns

destes solos são salinos, o que em alguns casos, resulta em limitações quanto a aptidão para o regadio, particularmente nos terraços mais baixos da planície aluvial (Mpinda 2011:141).

De modo geral, os solos das margens do rio Save são pobres. A área dos solos aráveis é estimada em cerca de 18.000 ha, alternados por solos pobres, dos quais, devido a sua localização a cotas superiores a 80 m do nível médio das águas do leito, cerca de 13.000 ha são irrigáveis por bombagem em Massangena e vila Franca de Save (Muchangos 1999:56).

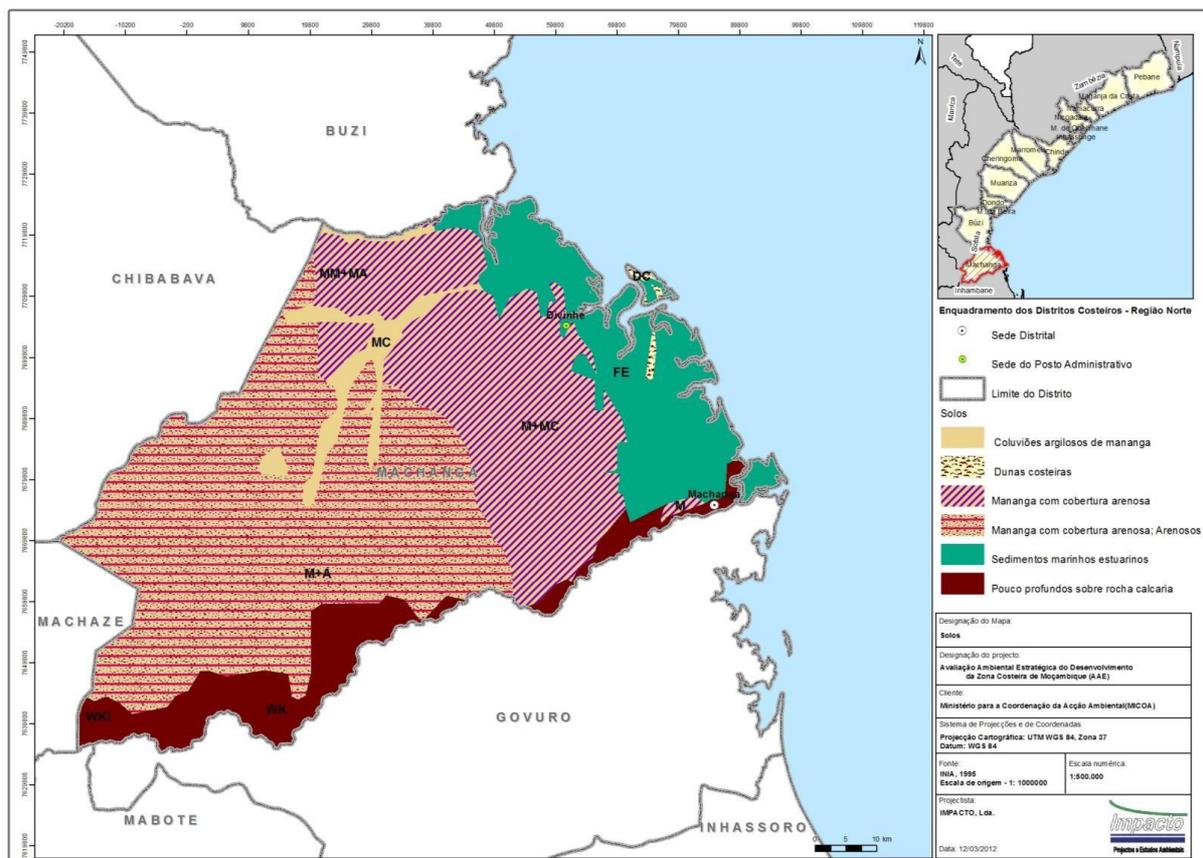


Figura 2.2: Distribuição geográfica dos tipos de solos no distrito de Machanga, província de Sofala. Elaborado por MAE 2014.

2.4. Formação Geológica

O distrito de Machanga possui unidades fisiográficas compostas por calcários e sedimentos do terciário, materiais de origem eólica, fluvial e marinha do quaternário. De facto, o material que constituem a base originária dos solos que se desenvolvem na região banhada pela bacia do Save, formam extensas planícies e vales de cobertura arenosa, drenagem moderada à imperfeita, com certa acidez e salinidade (Mpinda 2011:141).

Em geral, a maior parte do distrito é ocupada por solos de Mananga, com cobertura arenosa variável com texturas franco argiloso arenosa, castanho amarelo, camada arenosa superficial moderadamente espessa a pouco espessa. Nas aluviões holocénicas e nos sedimentos marinhos as texturas são variáveis podendo até ser aluviões estratificadas de texturas grossas a médias ao longo do perfil, podendo variar até texturas argilosa a franco-arenosa (Ibid).

2.5. Vegetação

A estação arqueológica de Hola-Hola fornece um exemplo de assentamento agrícola do primeiro milénio na planície costeira de Moçambique e o assentamento de morro com vista para o rio Save. Hola-Hola está situado perto da conjuntura de duas zonas de vegetação importantes. Para o oeste encontra-se na região de *Colophospermum mopane* seco que é muito pouco povoada e para o leste é o mais produtivo com savana de acácia e os (classificados como Nitosolos ortóticos e arenosóis luvicares). A agricultura é a principal actividade seguida pela caça, pesca e colecta de alimentos (Sinclair 1987:81-82).

O clima constitui factor principal e determinante na vegetação do distrito de Machanga. Assim, dispõe de uma vegetação tipicamente tropical, distribuída da seguinte forma: na planície costeira encontrámos o mangal, mais concretamente, nas baixas em contacto directo com o mar e com o rio Save; nas margens do rio Save encontramos floresta de galeria, constituída por caniço e palha; mais para o interior, onde se faz sentir o clima tropical seco, encontramos árvores e arbustos, uma grossa erva que pode ultrapassar um (1) metro de altura (Mpinda 2011:142).

As árvores encontram-se dispersas, em alguns casos vêm-se arbustos espinhosos e palmeiras. A fauna é diversificada mediante as condições da vegetação, podendo-se encontrar animais de grande e pequeno porte (Ibid).



Fotografia 2.1: Vegetação (Hola-Hola ao Norte do rio Save e a sul do Jofane). Foto: Madiquida 2019.

Capítulo III - Revisão da Literatura

3. Revisão da Literatura

No contexto da África Austral (Zimbabwe, Zâmbia, Malawi e Moçambique), a tradição Gokomere foi publicado pela primeira vez por Mclever em 1906 na antiga Rodésia actual Zimbabwe. Kadzi é sítio arqueológico com cerâmica semelhante de Hola-Hola, está situado entre as áreas das fácies de Gokomere/Ziwa e EFC do sul da Zâmbia. Foi observado que a tradição Gokomere/ziwa é amplamente comparável com o material EFC da região das Cataratas, vê um desenvolvimento paralelo entre o Shongwe (Victoria Falls) e Gokomere-Ziwa. Este argumento decorre do facto de que a combinação dos motivos decorativos das duas sequências é bastante semelhante, embora exista uma divergência entre o mais antigo Kumadzulo e Ziwa (Vogel 1978:12 citado por Pwiti 1996:123).

A descrição da tradição Gokomere/Ziwa, não só indica uma certa classe de cultura e continuidade, mas sugere, ainda, que a definição de outras tradições similares dentro da África Austral, sobretudo na idade do ferro, ajudaria na reconstrução de sua história bem como fornecer um meio de implicar outros tipos de continuidades culturais (Vogel 1978:15).

Dado que o Kadzi (tradição recente) é amplamente contemporâneo com o material do sul da Zâmbia, é pouco provável que tenha derivado deste último. Pode-se notar que Kadzi terá-se desenvolvido a partir de Ziwa, representando a expansão das primeiras comunidades agrícolas de Gokomere/Ziwa que partem do norte do Zimbabwe. Alternativamente Kadzi poderia ser considerado como sendo influenciado por ambos desenvolvimentos dentro da mesma tradição de Kumadzulo Dambwa e a sequências de Kamangoza (Vogel 1978:12 citado por Pwiti 1996:123).

É certo que a cerâmica Kadzi não derivou de Chinhoyi ou do centro da Zâmbia. A cerâmica de Chitope, no Gurungwe, mostra claramente afinidades com Ziwa, mas com diferenças importantes, especialmente na decoração que era comparativamente escasso, e a mais simples na sua forma de embarcação. Também aparecem no Kadzi as embarcações decoradas com impressões de fibras ou contas envolvidas. O uso de fibra ou contas envolto ou amarrado em um núcleo e impressionado em superfícies de vasos parcialmente molhados domina técnica de decoração de cerâmica do Musengezi da tradição no norte do Zimbabwe. No momento, não há dados suficientes para demonstrar isso, mas é interessante notar que o espaço da distribuição de cerâmica Musengezi parece coincidir com cerâmica Kadzi e Maxton (Vogel 1978 citado por Pwiti 1996:123-125).

Uma área que é de interesse no que diz respeito ao material encontrado em Kadzi no sudeste da Zâmbia e sul do Malawi, onde algumas pesquisas foram conduzidas nas primeiras comunidades agrícolas. O local mais interessante é o de Kamnama, que cobre uma área de 5 hectares de terra cultivada. Cinco sanjas (trincheiras) foram escavadas em Kamnama de onde foram recuperados 2802 fragmentos (Ibid).

Phillipson (1976) mostra que existe uma forte homogeneidade cultural entre Kamnama e EFC no sul do Malawi, como Phwadzi, Namichimba, Matope Court e Nkope Bay em termos de forma e motivos decorativos. Esses sítios podem ser atribuídos a um único grupo cultural chamado Nkope, um termo proposto por Robinson (1973), (Pwiti 1996:123-125).

Nkope tem afinidades com Gokomere/Ziwa que é espalhado na maior parte do Leste, sudeste e central do Zimbabwe. No sudoeste do Zimbabwe, Gokomere/Ziwa desenvolve em zhizo. Kadzi pertence a Gokomere/Ziwa, mas parece ter um pouco de carácter regional distinto. Assim qualifica a consideração: como uma fase distinta de muito mais amplas tradições de mercadorias. Kadzi com uma sequência estabelecida há muito tempo representa um desenvolvimento mais completo e mudança dentro do pente. Carimbando tradições quando comparadas à cerâmica mais oleosa; grupos no norte do Zimbabwe (Pwiti 1996:134).

O principal problema de investigação da estação arqueológica de Hola-Hola, é a sua localização, que carece de uma investigação sistemática actual. A evidência de um padrão crescente de contactos regionais previstas pela navegação costeira e fluvial, é indicado por assentamentos insulares iniciais da ilha de Bazaruto. Estes contactos serão feitos a partir da região costeira de Moçambique para o interior do Zimbabwe desde a primeira fase da tradição Gokomere / Ziwa: conchas marinhas e contas de vidro estão presentes em Mabveni, Gokomere e aparecem, provavelmente, mais tarde no primeiro milénio (Phillipson 1977: 115-118).

A nível nacional, actual república do Zimbabwe, a tradição Gokomere/Ziwa é considerada como de maior distribuição na parte do norte do planalto interior. Em Moçambique, a estação arqueológica de Mavita, que se localiza no distrito de Sussundenga, província de Manica é a primeira com a ocorrência desta tradição. Foi descoberta por Ricardo Teixeira Duarte e Maria da Luz Teixeira Duarte em 1975. É uma estação importante no estudo das primeiras comunidades agro-pastoris, pois representa os primeiros indícios de extensão para a costa de Moçambique da tradição de olaria designada por Gokomere-Ziwa, a qual se espalha pelo planalto do interior do Zimbabwe. Esta dispersão é posteriormente confirmada pela descoberta da estação de Hola-Hola junto a foz do rio Save (Sinclair 1985:62-63).

A estação arqueológica de Hola-Hola ilustra evidências das comunidades de agricultores e pastores de Moçambique que têm sido gradualmente reveladas em diversas estações, como Matola (Maputo), Xai-Xai (Gaza), Chibuene, Bazaruto (Inhambane), Mavita (Manica), Bajone (Zambézia) e Lumbi (Sofala). Estas fazem parte ou as que escolheram as planícies costeiras orientais para a sua gradual progressão em direcção ao sul de Moçambique atingindo ao norte do Transvaal (África do Sul) por volta de 300 anos AD. Mavita faz parte de um outro complexo de populações vindas através dos planaltos continentais e espalharam-se até as terras altas do transvaal, onde foram-se fixar a partir do século V AD (Morais 1978, Trabal. Arqueol. Antropol. n.º 1. 1980:3 e HM 2000).

3.1. História da Investigação da Estação Arqueológica de Hola-Hola (Machanga)

A estação arqueológica de Hola-Hola localiza-se nas seguintes coordenadas geográficas, com a latitude: 21° 18' 00'' S e longitude: 34° 18' 26'' E, com o código 2134 Ad1. Está situada no centro de Moçambique, a sul do distrito de Machanga, província de Sofala, na colina da margem norte do rio Save (Sinclair 1987 e Morais 1988).

O nome de Machanga vem de "CHANGA" que em língua local significa caniço, uma vez que este pode ser encontrado em abundância nas margens do rio Save. Usando a expressão no plural, obtemos a palavra "MAMUCHANGA" que significa grande quantidade de caniço. Quando os portugueses chegaram àquela região, e como o nome Mamuchanga lhes era difícil de pronunciar, adoptaram, então, uma forma mais simples, tendo assim nascido o nome de Machanga (MAE 2014:5).

A estação arqueológica de Hola-Hola foi descoberta por Paul Sinclair juntamente com Teresa Cruz e Silva em 1977 durante pesquisas no âmbito da realização da arqueologia de salvaguarda na região centro e sul de Moçambique, tendo sido datado do século IX-X (890 AD + -50), (Sinclair 1987:16).

O nome de Hola-Hola provém do cimo da colina que significa 'leva suas coisas inúteis que trouxeste (língua da comunidade local Chitsua ou Matsua). Hola-Hola é uma aldeia ribeirinha no topo de uma colina, onde foram escavadas 4 sanjas de 1x1m, que representa 4% da área da estação, de onde foram recolhidos 223 cacos decorados, ossos queimados, 28 fragmentos líticos e missangas vidradas, que descritos, os resultados fizeram concluir que apresentam o mesmo tipo de decoração com a olaria que ocorre em Mavita (estampas de conchas e pente) e no vizinho Zimbabwe (Sinclair 1987 e Morais 1988:51).

Cerca de 4% destas amostras foram recolhidas na superfície, tendo sido encontrados 44 estruturas de possíveis habitações feitas de *dhaka* (professor Sinclair e a sua equipa em 1977), (Sinclair 1987:81).

O trabalho feito recentemente na estação está detalhado no capítulo IV nesta tese chefiado pelo professor Madiquida e a sua equipa (2019).

Os recursos marinhos não deixaram, contudo, de constituir um polo de atracção para estas comunidades, tal como nos atestam os sinais de extensa ocupação na faixa costeira junto as Ilhas como de Chiloane (Machanga) na Baía de Sofala. Na Baía de Vilanculos na província de Inhambane e a Ilha do Bazaruto (Inhambane) constituem até ao momento, e para o período em causa, prova única deste tipo de estabelecimentos insulares em toda a costa oriental Africana (Trabal. Arqueol. Antropol. n°1. 1980:3).



Fotografia 3.2: Mamuchangas ou caniço no rio Save. Foto: Madiquida 2019.



Fotografia 3.3: Estação arqueológica de Hola-Hola junto ao rio Save. Foto: Madiquida 2019.

3.2. Contextualização Geográfica (Geomorfologia), Histórica e Arqueológica da Região do Save

3.2.1. Geografia do rio Save (Região)

O rio Save representa o limite entre o centro e sul de Moçambique separando as províncias de Inhambane (Govuro) e Gaza (Massangena) a sul. No norte representa Sofala (Machanga) e Manica (Machaze). Nasce nas terras altas do Zimbabwe e corre na direcção Oeste-Este até desaguar no Oceano Índico por um estuário próximo da Nova Mambone (Govuro), Inhambane (Muchangos 1999:56).

Em território moçambicano é totalmente um rio de planície com uma bacia hidrográfica de 14.646 km². A partir da vila Franca do Save, com a moderação o declive, o vale é largo e o rio forma meandros sobre as próprias aluviões. Junto à foz o rio apresenta bancos de areia que dificultam a navegação mesmo de pequenas embarcações. Nesta secção do rio a influência das águas salinas é considerável. A sul do rio Save, o regime hidrográfico é grandemente condicionado pelo clima, relevo, natureza das rochas e pelos aproveitamentos hídricos (Muchangos 1999:56).

Na planície o seu caudal é condicionado pela influência combinada das condições climáticas gerais, do fraco declive e da elevada permeabilidade das rochas sedimentares. O clima tropical seco e os terrenos arenosos dominantes favorecem a evaporação e a infiltração das

águas diminuindo, por consequência a escorrência superficial. Nas secções inferiores dos rios formam-se frequentemente pântanos cobertos de vegetação herbácea conhecida por machongos. A navegabilidade dos rios desta região é extremamente limitada devido ao regime estacional do caudal e à sua elevada capacidade de assorimento (Muchangos 1999:56-57).

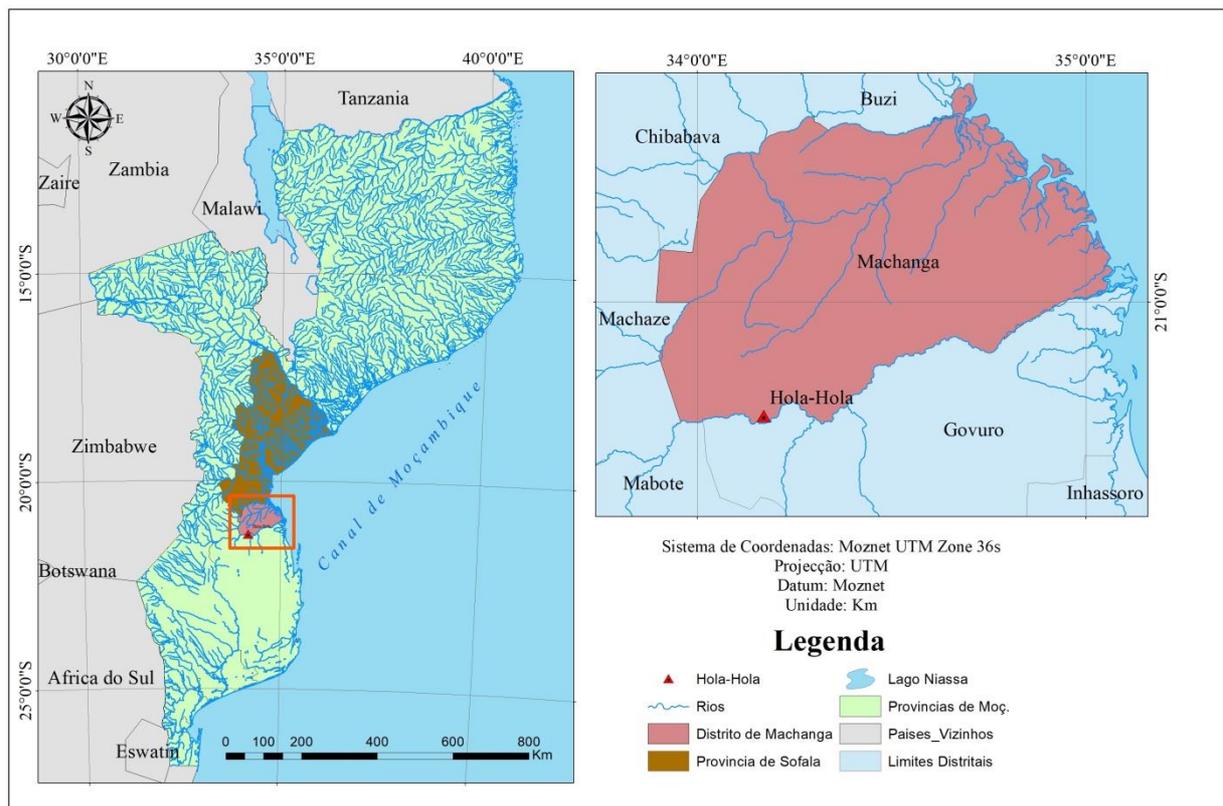


Figura 3.3: Mapa elaborado por INDE(ENM) 2009:16 (Adaptado por Braimo Ali Geógrafo 2022). Geomorfologia e Hidrografia de Moçambique e em particular na região do estudo.

3.2.2. História do Rio Save

O actual rio Save antes era conhecido como Sabi. O nome deriva da rainha do Sabá (Rainha proveniente do médio oriente), a sua residência, ou mesmo a sua passagem por estas terras, ou ainda a extensão dos seus domínios observados à luz da história como o lendário no tempo do rei Salomão (Barradas 1967:28).

De acordo com Barradas (1963:46, 1967:28) e Oliveira (1973:39), a Ilha de Chiloane no distrito de Machanga e a antiga Sofala no distrito do Búzi (província de Sofala), Estes dois entrepostos comerciais e a Nova Mambone (Govuro-Inhambane) desenvolviam o comércio a

longa distância ligando o grande Zimbabwe com a costa e vice versa, e mais tarde com a expansão europeia.

O rio Save não só, servia como meio para obtenção de recursos hídricos, mas também era passagem das embarcações da costa para o interior, ou seja vice-versa. Esta área, para além da influência dos comerciantes arábes no século I-X foi ocupada, mais tarde, com os comerciantes portugueses no século XV (Barradas 1967:28 citado por Chittick 1975).

A região da Velha Mambone foi bastante conhecida na proto-história africana, no tempo do estado de Muenemutapa, como porto de penetração para o interior do continente. O itinerário preferido do índico para o grande Zimbabwe, deveria ser ao longo do Save, partindo do entreposto de Nova Mambone, isto devido a abundância de água mesmo na época seca (Ibid).

A Nova Mambone (Govuro-Inhambane), pela sua condição de entreposto comercial, deveria convergir caravanas com os produtos da terra, como marfim, pontas de rinoceronte, muito procurados pelos povos do médio oriente (Ásia) onde trocavam: madeiras ricas como pau-preto, cera, metais, o ouro, cobre e também os escravos, sobretudo, com panos, armas simples e bugigangas (Barradas 1967:28).

O seu apogeu teve lugar no século IX à XV exercendo um comércio muito activo com o médio oriente e mais tarde com ocidente europeu. Na república do Zimbabwe, na fortaleza de Victória, haviam várias trocas comerciais através de caminhadas feitas a pé em direcção a costa de Moçambique (baía de Sofala e de baía de Muringari-Inhambane) e duravam muito tempo pelo caminhos, atravessando várias aldeias desde o interior até a costa (aldeias do Zimbabwe e de Moçambique abaixo supracitados), como: Fortaleza de Victória, Zaka, Bellingwe, Gwelo, Singho, Gogoi, Chibabava, Chipinga, Zalèa, Devúli, Sangwa, Massakane, Patema, Bandua, Djamba, Machaze, Mahenye, Nova Colares, Zalèa, Sofala e Nova Mambone (Balsan 1962, Oliveira 1973:39 citado por Chittick 1975).



Figura 3.4: Mapa de localização de Hola-Hola, Chiloane, rio Save (Área da província de Sofala e uma parte da província de Inhambane), (Google Earth).

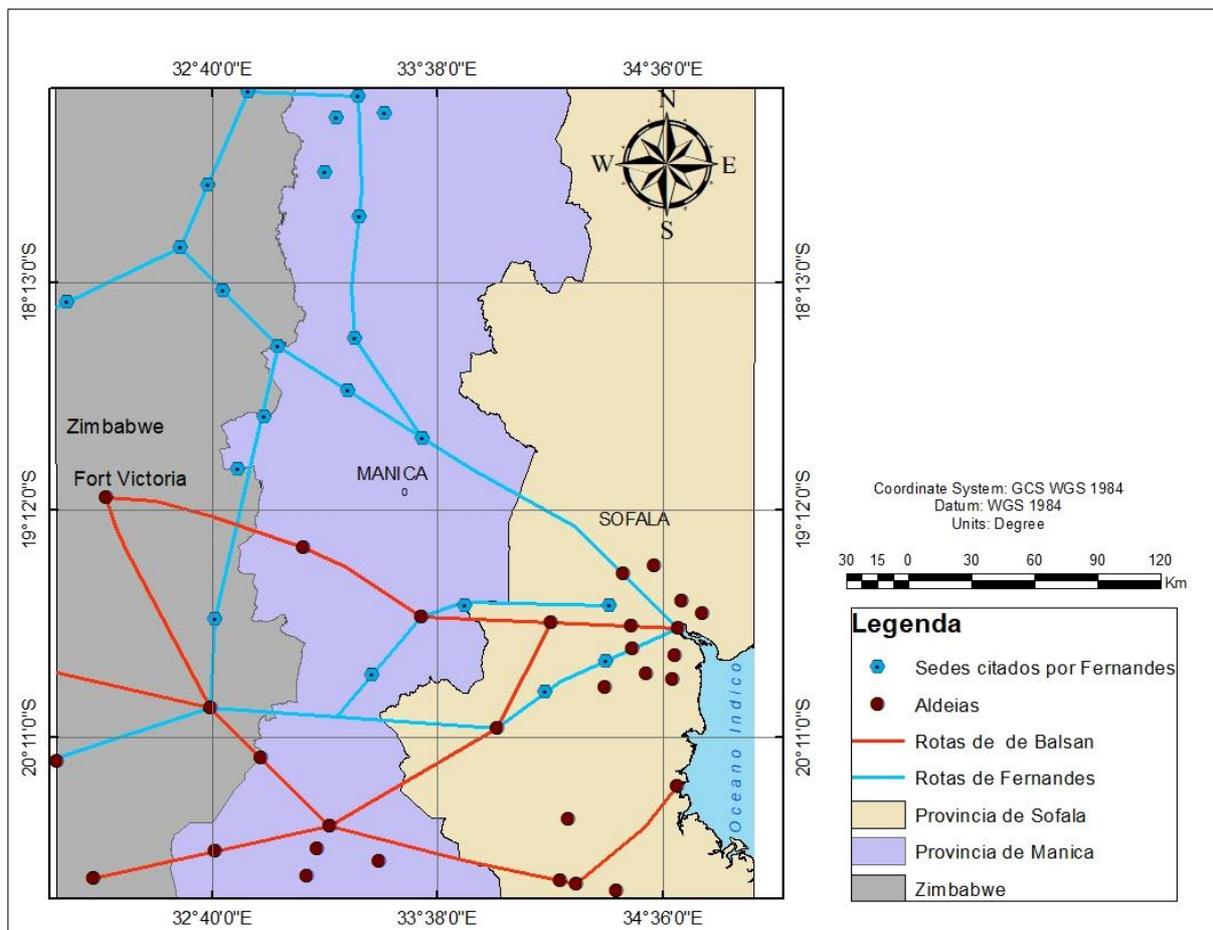


Figura 3.5: Comércio activo com o médio oriente (árabes) e os portugueses nas cidades do litoral africano (Oceano Índico), o terminus da "estrada do ouro" que ligava o grande Zimbabwe à costa de Mocambique (caravanas), (Mapa adaptado do Google Hearth).

3.2.2. Pesquisas Arqueológicas no Save

Existe um interesse de longa data na arqueologia do rio Save, do lado Zimbabweano com a fronteira com Moçambique. Várias pesquisas arqueológicas (prospecção, e escavação arqueológica) foram realizadas no vale do Save nos afluentes do rio Lundi e o rio Mtilekwe e as outras áreas como no distrito de Victória (Zimbabwe), área, potencialmente, rica em termos da agricultura e criação do gado e identificou-se várias estações associadas a tradição Zimbabwe. O Laessões, em 1906, relata a falta de materiais de construção adequados ao longo do rio Save para Mambone (Caton Thompson 1931:12-13-14) citado por (Sinclair 1985:4).

Em Moçambique, na região do rio Save com o distrito de Massangena (Gaza) até em Nova Mambone (Govuro-Inhambane) é arqueologicamente muito pouco conhecida, apenas esporádicas referências de pinturas rupestres no parque nacional de Zinave situado numa pequena (porção) do distrito de Massangena na província de Gaza e boa parte do distrito de Mabote na província de Inhambane (Caton Thompson 1931:12-14, Barradas 1967:28) citado por (Sinclair 1985:4).

Na foz do rio Save, Lerreno Barradas (1967) realizou alguns trabalhos de pesquisa e produziu um relato útil das fontes literárias referentes à região de Mambone. Mais tarde, em 1969 e 1971, Dickenson da University College (Rodésia do Sul), juntamente com participantes da Sociedade de Pré-História da Rodésia (Zimbabwe) realizou uma série de escavações na baía de Muringari e também Sofala. Além disso, as escavações em Manyikeni por Garlake 1975, Morais e Sinclair em 1977 mostram a contemporaneidade do assentamento do estado do Zimbabwe onde nota-se a importância do rio Save para o interior (Sinclair 1985:4-5).

Durante as pesquisas que ocorreram de Outubro a Dezembro de 1977 ao norte do rio de Jofane (Govuro), em direcção ao ocidente a 125 km também cobriu a sul da província de Manica. Os métodos de pesquisa consistiram em prospecção nas áreas limitadas, escolhidas aleatoriamente e também usando meios tradicionais de busca e previsão de possíveis fontes de recursos hídrico onde vivem as comunidades locais (Sinclair 1985:6).

Não foram recuperados vestígios de ocupação inicial da idade do ferro na zona de floresta (*colophospermum Mopane*), embora alguns locais posteriores da idade do ferro bem como aldeias abandonadas recentemente tivessem sido mapeados. Um outro aspecto da pesquisa foi iniciar uma colecção de osteologia exposto no Museu de História Natural de Maputo. 8

esqueletos foram colectados em locais de abate ou entre as comunidades que são 2 gnu, 2 impala, 1 zebra, 2 verrugas e 1 canarato (Ibid).

Os restos arqueológicos mais claros e visíveis datam de Idade da pedra. As colecções foram poucas devido a restrição e escassez de tempo para mais estudos na área, mas com excepção do lago Chapadja e sítio 2135 Ac2 onde houve mais pesquisa. No entanto, o tamanho das lascas indica uma idade da pedra inicial ou média em vez de uns mais recentes flocos. Os sítios da idade da pedra localizados recolheram machados da mão, uma ferramenta de corte pesada, flocos e núcleos ao longo da cordilheira e também em cima da planície do terraço quaternário. No total foram recolhidos 60 artefactos líticos: 4 seixos, 1 ferramenta de corte pesada, 21 núcleos, 7 lascas retocadas, 5 lascas levalloinses e 22 lascas diversas (Sinclair 1985:7).

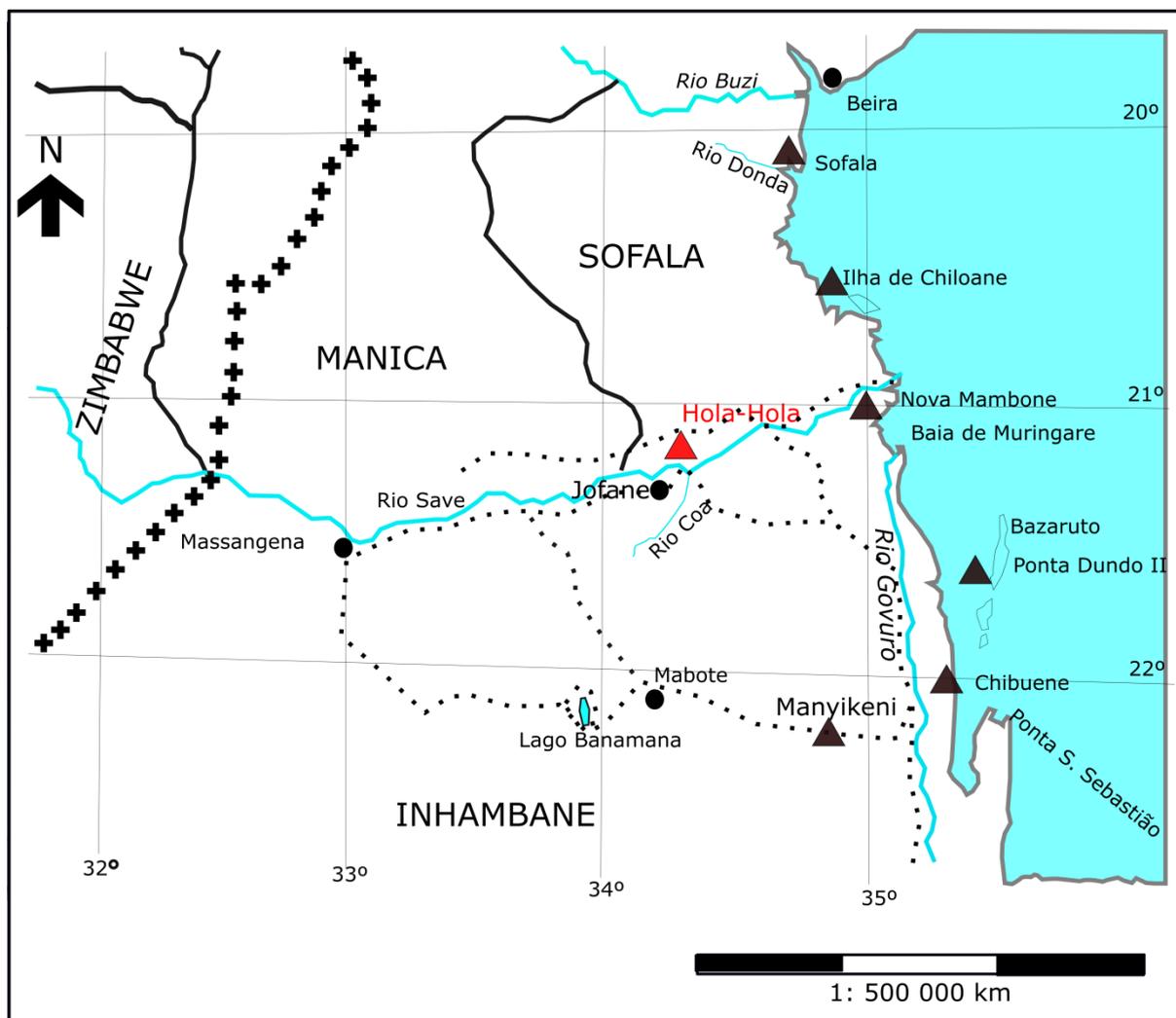


Figura 3.6: Mapa elaborado por Paul Sinclair 1985:5. (Adaptado por Braimo Ali 2022). A área de pesquisa arqueológica na região do Save

Capítulo I V- Prospecção na Estação Arqueológica de Ilha de Chiloane e Hola-Hola

Trabalho do Campo

O trabalho do campo em Sofala consistiu, primeiro a visita ao distrito de Machanga com objectivo de iniciar com a prospecção na Ilha de Chiloane um dos entrepostos comerciais do final do primeiro milénio AD e mais tarde com a presença portuguesa no século XV com destaque para Sofala, Chiloane continuou a desempenhar o papel de entreposto comercial. Nesta ilha, (aldeia de buê que significa pedra em língua local ndau) foi feita uma escavação arqueológica num local com muitas cerâmicas a superfície com as coordenadas geográficas 20° 38' 22.9 '' S e E 034° 54' 36. 6''. A sanja de 1m X 2m foi localizada à 9 m de distância da estrada de terra batida com a cota de inclinação de 50 cm, a escavação foi feita com níveis artificiais de espessuras de 10 cm até uma profundidade de 40 cm e foi recolhido diferente material arqueológico como cerâmica, missangas vidradas parecidas com as missangas da antiga Sofala no distrito do Búzi.

Durante a nossa prospecção arqueológica na ilha de Chiloane, desde o bairro de Chingune até Vila Velha perto da costa, recolhemos a superfície missangas recentes e fragmentos de porcelanas europeias. A parte oriental da Ilha é protegida pelas grandes dunas de areia, e na parte ocidental é composta de mangais, a ilha possui água potável por toda parte do interior, com solos muito pobres para agricultura, embora em algum momento fazem agricultura, mas muito pouco. A floresta principal são mangais, palmeiras e embondeiros.

A parte lateral da ilha de Chiloane, no bairro de Vila Velha junto a costa sofre de erosão e sem nenhuma protecção e há muitos bancos de areia o que os pescadores não conseguem desenvolver as suas actividades quotidianos em termos de pesca nesta área. Apenas na parte frontal da Ilha (Chingune) é que conseguem circular as embarcações tradicionais devido uma configuração do mar e não ter havido bancos de areia nesta área. Vários pescadores exercem suas actividades e vendem para empresas a quantidade do pescado e pouco para o consumo familiar.

De acordo com IICM 1977, a região de Chiloane é constituída por várias ilhotas cuja a ilha de Chiloane é principal com água potável. Nesta ilha ainda existem os edifícios deixados no período de ocupação portuguesa. Alguns edifícios deste período estão destruídos devido os ventos fortes, mas ainda há outros em boas condições para habitação. Por outro lado, na vila velha existe uma mesquita que os locais consideram como a mais antiga de toda região.

Em termos do contexto histórico, ainda vivem na ilha de Chiloane os mestiços de origem mouros e europeus (raça branca). A ilha possui poucas condições e sobrevivem do comércio de pequena escala de produtos que os habitantes adquirem na Beira e na vila sede do distrito de Machanga. Também fazem agricultura e a pesca em pequena escala.

Depois de Chiloane, continuamos com os trabalhos na estação arqueológica de Hola-Hola. A única dificuldade que tivemos é das vias precárias no tempo chuvoso dificilmente pode-se transitar, o que nos levou a dar uma grande volta entrando de Maluvane (Inhambane) através da entrada AD1 junto ao rio Save que se pode atravessar quando a água deste rio balança no nível de 18mm (sazonal) e a estação está localizada no cimo de uma colina junto ao Save formada por pedra calcária.

Durante a prospecção arqueológica, na estação de Hola-Hola, Dr Madiquida deu o nome 001 Hola-Hola, toupeira (mamíferos que abre buracos ou escavador de terra) por haver vários fragmentos de cerâmicas decoradas, *dhaka* e missangas espalhados a superfície e na areia de buracos abertos por esses mamíferos. Na encosta montanhosa de Hola-Hola recolhemos alguns cacos de olaria, mas diferentes do cimo da montanha o que nos levou efectuar escavação de uma sanja do tipo teste de 1mX1m até 40 cm de profundidade cujas suas coordenadas geográficas 21° 17'57.6" E 034°18'23.5" e o desvio de ângulo azimute de 125 graus para o norte.

No cimo da colina escavamos duas sanjas: a primeira sanja foi escavada até uma profundidade de 20 cm com muito pouco material, devido a proximidade de rocha calcária a superfície. Contudo, há aparecimento considerável de *dhaka*. A segunda sanja foi escavada até uma profundidade de 90cm. Aqui foi recolhido uma quantidade considerável do material, um colar de bronze que parece recente, escória do ferro, carvão, missangas, ossos de animais e cerâmica.

A configuração ecológica desta estação arqueológica é da floresta tropical, árvores de chanfuta, pau-ferro, acácia, embondeiro e alguns arbustos de palmeiras. A colina é formada por pedras calcárias e areias. Do lado onde habitavam os primeiros agricultores tem mais areia profunda com muita *dhaka* visível e bem conservada. Na região de Jofane visitamos algumas colinas que a população local acreditava haver grutas onde viviam antepassados. Contudo, quando chegamos ao cimo da montanha notamos que não eram grutas naturais, mas sim a montanha estava a sofrer a erosão.

Depois de terminarmos o trabalho em Hola-Hola, fomos visitar a estação de Chibuene, antigo entreposto comercial na costa de Vilanculos e Zimbabwe de Manyikeni. Em termos de análises, a localidade de Javane no distrito de Machanga na província de Sofala e Jofane no distrito de Govuro na província de Inhambane têm um potencial para estudos arqueológicos, ambiental, geográficos, geológicos e turísticos para futuros investigadores.



Figura 4.7: Mapeamento da zona de escavação em Chiloane-Machanga-Sofala. Google Earth.



Fotografia 4.4: Sanja de 1 mx 2 m da escavação de 10 cm até 40cm na Ilha de Chiloane. Foto: Madiquida 2019.



Figura 4.8: Mapeamento da zona de escavação em Hola-Hola-Javane-Machanga-Sofala. Google Earth.



Fotografia 4.5: Sanja do tipo teste. Escavação arqueológica 1m x 1m na encosta da colina próximo do rio Save, Hola-Hola. Foto: Madiquida 2019.



Fotografia 4.6: Sanja 2m X 2 m no cimo da colina, Hola-Hola. Foto: Madiquida 2019.



Fotografia 4.7: Sanja 1 m x 2 m no cimo da colina, na área de 001 (topeira), Hola-Hola. Foto: Madiquida 2019.

4.1. Caracterização dos Vestígios de *Dhaka* na Estação Arqueológica de Hola-Hola

O arqueólogo Paul Sinclair (1985:15) argumenta que a estação arqueológica de Hola-Hola é importante local da idade do ferro inicial, situado a 100 metros no cimo da colina ao norte do rio Save, perto de Jofane. O local foi mapeado na primeira campanha tendo sido identificados 44 amontoados de pedras separados e registados. A maioria destes, são amontoados de escombros de pedra de calcário associados à *dhaka*, osso e cerâmica.

Para construção das casas, na fundação de *dhaka* usavam-se camadas de blocos de granito que cobriam as paredes. Estas fundações podem ser de superfície e de pé, ou fundações até um metro de profundidade. O material do solo e as paredes são construídos parece variar entre argilas de areia, granito e lixo malhado (factores geológico), (Ndoro 2001:31).

Nos tempos pré-históricos, as *dhaka* doméstico e estruturas eram cercadas pelas paredes de pedra seca, a fim de dividir o espaço em áreas que formavam pátios em recintos. Em algumas secções de assentamento da parede de pedra também eram rebocados com *dhaka* para que o recinto apresente uma aparência homogénea com a habitação (Ndoro 2001:31).

A cima do solo, apenas estruturas sobrevivem como evidência das características. A evidência do subterrâneo, as estruturas são os numerosos montes espalhados por dentro e fora dos recintos de pedra. Os montes são os resultados da deterioração das estruturas completas de *dhaka*. A escavação arqueológica destes revela os restos de *dhaka* pré-históricos. Em alguns casos estes serão os encaixes do chão da casa, paredes divisórias, as vezes artisticamente moldada e decorada (Ndoro 2001:31).

Nem toda terra argilosas têm a mesma aptidão para fornecer matéria prima boa para a *dhaka*. Os sítios onde existe barro são conhecidos através de uma velha tradição e encontram-se geralmente nas margens de rios ou ribeiras ou perto de minas (geologia), onde o barro (argila) atinge um alto grau de plasticidade temporário devido à presença de pequenas quantidades de ácidos tânicos proveniente de vegetação decomposta neste sítios (Adamowicz 2010:5).



Fotografia 4.8: Vestígios de *dhaka* e amontoado de pedra calcária visível à superfície no cimo da colina (amontoados de pedra ou resto de casa antiga) Hola-Hola (Foto Madiquida 2019).

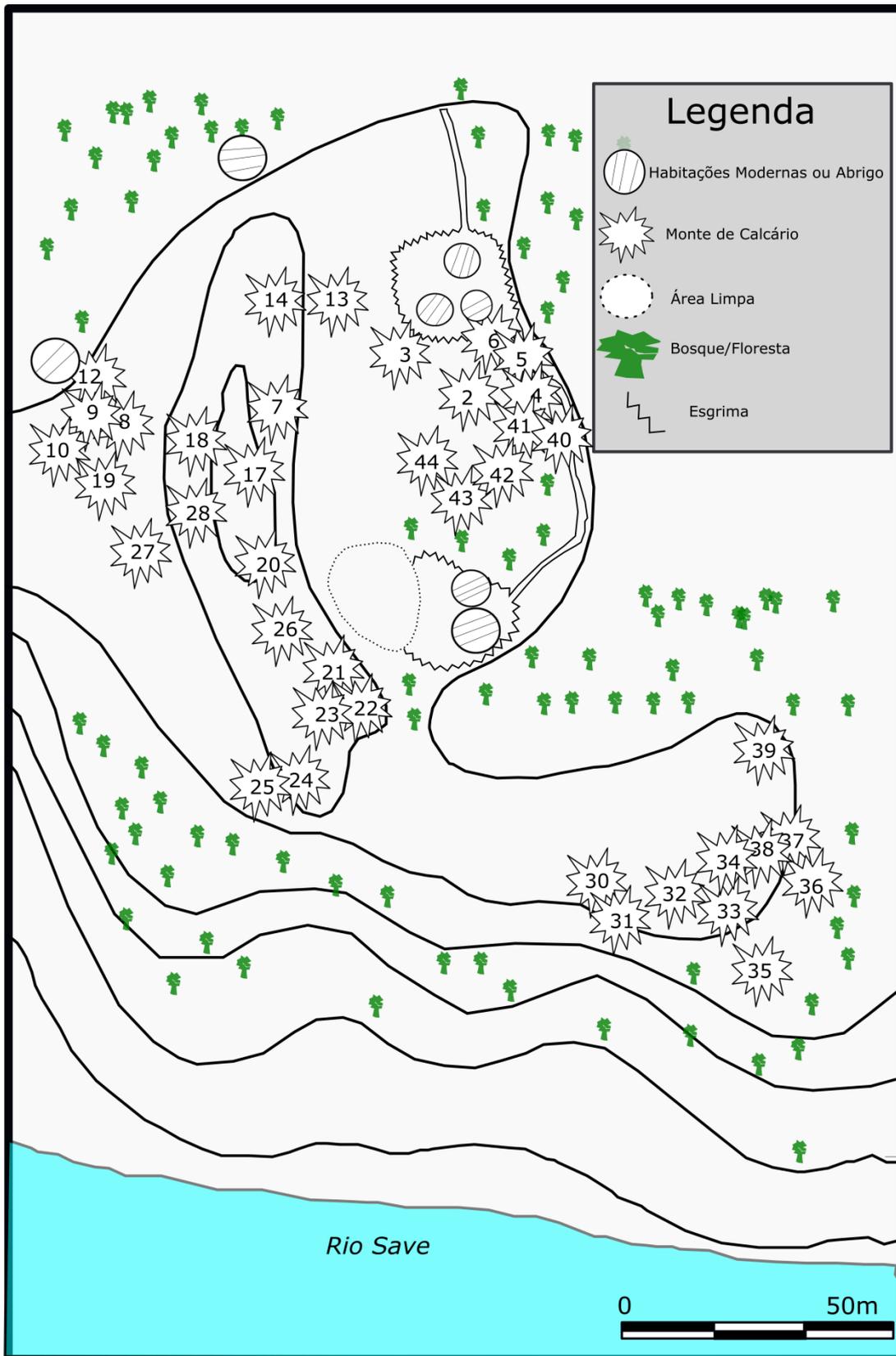


Figura 4. 9: A área de pesquisa arqueológica na colina de HOLA-HOLA e a margem do rio Save. Mapa, elaborado por Paul Sinclair 1985: 15 (Adaptado por Braimo Ali 2022).

4.2. Evidências Arqueológicas e Achados na Estação Arqueológicas de Hola-Hola

A estação arqueológica de Hola-Hola é uma aldeia ribeirinha no topo de uma colina, onde em 1977, foram escavadas 4 sanjas, de onde foram recolhidos 223 cacos decorados, ossos queimados, 28 fragmentos líticos e missangas vidradas, embora não permitam tirar conclusões sobre trocas comerciais e 44 estruturas de possíveis habitações feitas com *dhaka* (Sinclair 1987:81-82 - Morais 1988:51-52).

A olaria encontrada apresenta decoração com estampas de conchas e forma de pente, o que propõe a face costeira da tradição Gokomere/Ziwa. Estas colecções de cerâmica foram utilizadas para definir a região central como sendo pertencente a tradição Gokomere/Ziwa originária do planalto de Zimbabwe (Vogell 1978, Sinclair 1985 citados por Macamo 2006).

Em 2019, a equipa da Universidade Eduardo Mondlane chefiado por professor Madiquida continuou com pesquisas nesta área a fim de aprofundar o contexto da arqueologia da idade do ferro, sobretudo o início deste período no que concerne as comunidades de agricultores e pastores. Durante a visita, escavou 3 sanjas para ter mais contexto da ocupação e exploração de recursos destas comunidades.



Fotografia 4.9: Fragmentos de olaria recolhidas na estação arqueológica de Hola-Hola na pesquisa feita pelo prof. Madiquida 2019. Foto: Madiquida 2019.

4.3. Contexto Etno-Arqueológico da Estação Arqueológica de Hola-Hola

Segundo o arqueólogo Duarte (1987:34), os povos falantes das línguas bantu (shona) constituem um grupo que se espalhou pelas províncias de Manica, Tete, Sofala e Inhambane no distrito de Govuro para além da fronteira da república do Zimbabwe. Este grupo étnico está ligado à construção das famosas ruínas do grande Zimbabwe e outros amuralhados de pedra espalhados pela região. A nível nacional (Moçambique) os Shonas subdividem-se em Ndaus, Manyikas e Teves.

Todavia, a sul da província de Sofala como o caso do distrito de Búzi, Chibabava, Machanga até Nova Mambone no distrito de Govuro, na província de Inhambane, fala-se língua Ndau e Chitsua. A localização de Hola-Hola é obviamente dominada por proximidade com o rio Save. O topo da colina tinha uma vantagem, porque protegiam as terras agrícolas em área da intrusão de hipopótamos que destróem muitos campos mais próximos do rio. A área de Hola-Hola é considerada como favorável em termos de humidade do solo mesmo em anos em que não chove (IICM 1977, FAO 1980 citado por Sinclair 1985:19).

Hola-Hola é potencialmente boa para a pastagem e agricultura de aluviões próximas ao rio Save, lagos e riachos locais. As principais culturas cultivadas na área são milho, mapira, feijão e mandioca, para além de cabaças, abóboras estimulantes e soporíficos que também estão sendo cultivados. O mais importante deles é uchema ou vinho de palmeiras, muito apreciado na região. Os homens e as mulheres participam do ciclo agrícola. O armazenamento das culturas é normalmente feito em pequenos celeiros dentro de casas de dormir. Mapira pode ser armazenado por um ano, feijão e mandioca por dois e excesso de produção de milho é geralmente vendido. Outras actividades importantes de subsistência destas comunidades locais incluem a caça, colecta, pesca e pequena criação de gado. A caça é realizada individualmente ou em grupos (Sinclair 1985:20-21).

Pequenos antílopes são normalmente o alvo da caça dentro de 1-2 km de distância de Hola-Hola, mas a grossa, como búfalos e elefantes são também caçados embora mais longe. Na pescaria também são usadas cestas nas lagoas do Save. A maioria dos lagos próximos (dentro de 3-4 km) é usada sazonalmente, mas alguns, por exemplo, Nhalipongue 12 km de Hola-Hola é pescado durante todo o ano. Uma variedade de frutas silvestres é colectada e estas são, principalmente, usadas como suplementos alimentares sazonais. Além disso, o mel é obtido nas árvores próximas ao rio ou nas zonas planálticas (Sinclair 1985:20-21).

Outros recursos são conectados na área ao redor de Hola-Hola. A grama é obtida da vizinhança dos lagos, construindo postes a partir das colinas e a matéria-prima para a corda da casca é retirada das árvores que crescem perto de Hola-Hola. Alguns recursos, como fibra para cestaria vêm de mais longe, neste caso, do lago Chipiriviri a 15 km de distância. Argila para cerâmica é obtida no Lago Chipatsa 3 km de Hola-Hola e o componente do solo de *dhaka* para reboco de pisos e paredes de casas também está disponível nos lagos. As pessoas que vivem hoje utilizam quase exclusivamente o lado norte do rio para actividades de subsistência. Para travessia do rio Save à Jofane, usa-se pequenas embarcações, mais conhecidas por canoas do fabrico local. Contudo, no tempo seco pode-se atravessar a pé devido a grande redução do nível de cursos de água, apesar do rio estar infestado de crocodilos (Sinclair 1985:20-22).

O tipo de habitação modal das famílias do distrito é a "Palhota" (casas tradicionais), com várias divisões para albergar toda família. Cada um dos componentes tem o seu quarto. A sala é comum possuindo duas portas, um frontal e a outra atrás. As refeições são tomadas em separado, ou seja, homens de um lado e as mulheres do outro lado. Este costume, porém, tem vindo a se modificar, havendo casas em que os homens passam as refeições na mesa em companhia de sua esposa. Antigamente, as mulheres trajavam capulanas, mas, com o evoluir dos tempos, já usam vestidos, saias e blusas, tendo os homens largado as capulanas que usavam por cima dos calções, passando a usar apenas calças, camisas, balalaicas e casacos. Para se protegerem do sol, as mulheres usam lenços e os homens chapéus. Ainda são comuns as cerimónias de invocação dos espíritos dos antepassados para pedir chuva. As transformações que se vêm operando no seio da sociedade têm vindo, gradualmente, a reduzir a prática de ritos de iniciação. O lobolo é ainda prática corrente no distrito em estudo (MAE 2014:5).

Os pratos típicos da região incluem a xima (farinha de milho e mapira), Peixe, Xowa e Bzimbwangari (Peixe da água salgada, ou seja, do Mar), Mandombe (Caracol marinho e das águas fluviais), Dêrere (quiabo). Em relação à religião existem várias crenças no distrito e são representados com as respectivas hierarquias sociais, em coordenação com as autoridades distritais em várias actividades de índole social. A religião dominante é a Sião/Zione (Religião protestantes), praticada pela maioria da população do distrito (Ibid).

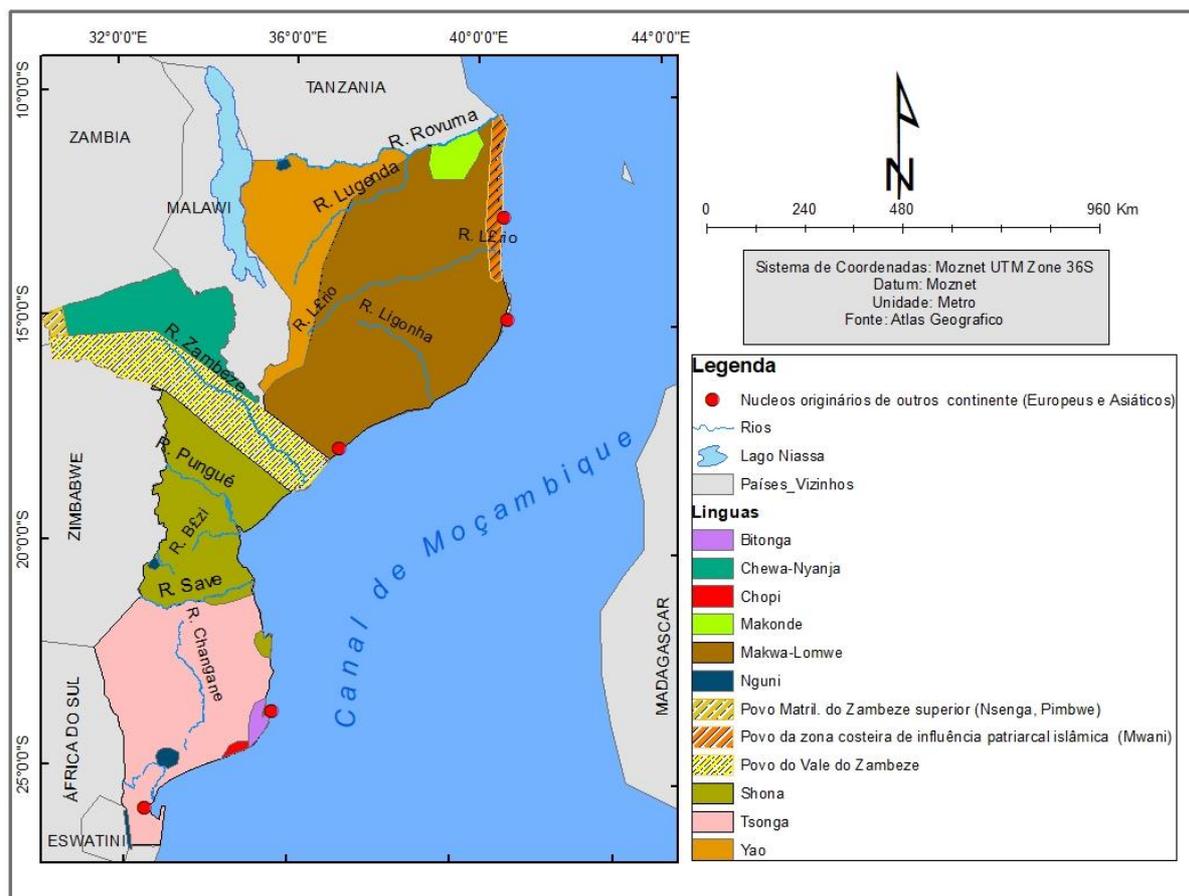


Figura 4.10: Mapa elaborado por Atlas Geográfico 1986:36 (Adaptado por Braimo Ali 2022). Grupos étnicos de Moçambique.

Tabela 4.1: Calendário Anual das Actividades Agrícolas em Hola-Hola. Elab. por prof. P. Sinclar 1985:21

MÊS	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ag	Set	Out	Nov	Dez
Vinho de Palma						C	C	C				
Milho	P			H	H	H					P	P
Feijão	P			H	H				CL	CL	P	
Sorgo	H										P	
Mandioca					H			P				
Abóboras	C									CL	CL	CL
Verduras vegetais										CL	CL	CL
Mulheres												
Homens											?	?

Legenda dos Contextos Chaves do Calendário das Actividades Agrícolas Durante o Ano em Hola-Hola e Jofane

C: Limpeza do Terreno.

H: Colheita.

CL: Colectando.

P: Plantação ou Plantio.

4.4. Evidências da Cerâmica da Tradição Gokomere/Ziwa na Estação Arqueológica de Hola-Hola

Madiquida (2006:1) argumenta que a distribuição geográfica da tradição Gokomere/Ziwa em Moçambique, foi localizada em várias estações no vale de Zambeze concretamente nas estações arqueológicas de Lumbi (Marromeu-Sofala), Mavita (Sussundenga-Manica), Hola-Hola (Machanga-Sofala), Ponta Dundo I e II, Chibuene e em Nhachengue (Vilanculos-Inhambane) em dupla ocorrência com a tradição Matola.

A tradição Gokomere/Ziwa é predominante no primeiro milénio AD, e os relatos referentes ao material deste tipo foram publicados pela primeira vez por MacIver em 1906, na estação arqueológica de Gokomere no Zimbabwe. A olaria da tradição Gokomere/Ziwa apresenta similaridades com a olaria pertencente as Tradições Kalomo (que é encontrada no sul da república da Zâmbia e considera-se que seja a última fase da tradição Gokomere/Ziwa) e Leopard's Kopje. Esta tradição é, por sinal, a mais antiga ocorrendo na república do Zimbabwe, onde está mais evidenciada na região de Victória Falls, onde foram feitas escavações arqueológicas e constatada a existência de sequências estratigráficas que, em termos de datas, partiam do século VIII e terminavam perto do século XII AD (Vogel 1978).

Em Moçambique a tradição Gokomere/Ziwa apresenta o mesmo tipo de decoração da olaria do Zimbabwe e ocorre em Mavita, Hola-Hola, Ponta Dundo I e II, e Bazaruto (estampas de conchas e pente) (Vogel 1978, Sinclair 1987 e Morais 1988).

Em seguida, apresenta-se algumas características da tradição Gokomere/Ziwa mais comuns segundo a tabela a abaixo (Vogel1978).

Tabela 4.2: Características mais Comuns ou Descrição da Olaria da Tradição GZ

Categoria da cerâmica	Forma do Bordo	Decoração	Localização da decoração
Vasos (esferóide)	Espesso	Decorados na diagonal com estampas de pente e de conchas, motivos em espinha de peixe, incisões diagonais e pinceladas	Bordo e Gargalo
Tigelas (elipsóide)			



Fotografia 4.10: Fragmentos de *dhaka* recolhidos na estação arqueológica de Hola-Hola na pesquisa feita pela equipa liderada pelo prof. Madiquida. Foto: Madiquida 2019.

Capítulo V- Discussão

5. Discussão

Como mencionei na descrição anterior, a estação arqueológica de Hola-Hola foi descoberta por Paul Sinclair tomando-a como constelação e que pertence a tradição Gokomere/Ziwa e como uma das fácies. A tradição de cerâmica em Hola-Hola está mais perto de Gokomere (fase 1) do que para zhizo (fase 2) da tradição Ziwa (Sinclair 1985: 24).

Morais (1988), considera constelação de Hola-Hola uma classificação provisória, pois não há uma semelhança tão homogênea quanto parece. Ele baseia-se nas semelhanças de cerâmica e faz menção clara entre a cerâmica encontrada em Bazaruto (Vilanculos-Inhambane) e Hola-Hola (Machanga-Sofala) e afirma não ser a mesma de Chibuene e Nhachengue (Vilanculos-Inhambane), sendo que ambos partilham afinidades e que a cerâmica de Chibuene e Ponta Dundo II (Inhambane) é uma cerâmica importada e também apresentam a cerâmica local. Este conceito foi elaborado a partir da análise da cerâmica com semelhanças (Morais 1988:73).

Sinclair (1987) aplicou este conceito para a verificação de locais de tradição Gokomere/Ziwa, como de Hola-Hola. Experiência semelhante foi realizada em Zimbábue, para a identificação de agregação de sítios que compartilham a mesma tradição cerâmica.

Por exemplo, as similaridades de olaria são mais claras entre as estações da constelação Hola-Hola que com outras estações arqueológicas da idade do ferro inicial, possuindo as duas últimas algumas afinidades. Contudo, Chibuene assim como Ponta Dundo I e II evidenciam, para além da cerâmica local porque aparece cerâmica importada de origem islâmica Sassânida (Morais 1988).

Capítulo VI – Considerações Finais

6. Considerações Finais

A presente tese concluí que os povos falantes de línguas bantu sempre viveram em zonas férteis e próximo de um curso de água, estando a cerâmica associada a elementos que se consideram documentados nas actividades metalúrgicas no início da idade do ferro (Rodrigues 2006:447).

Estas comunidades antigas tiveram contactos com o médio oriente devido o comércio a longa distância e mais tarde com a expansão europeia através dos entrepostos comerciais antigos no oceano Índico começando da antiga Sofala, Ilha de Chiloane, Hola-Hola, Nova Mambone até Chibuene. Estas, são estações já conhecidas e que desempenham um papel importante no conhecimento do passado humano. Apesar disso, ainda existem problemas de investigação por ser desvendados, por sinal, ligados ao comércio a longa distância. As evidências identificadas demonstraram-se promissoras no contexto da arqueologia e a história do comércio a longa distância (Barradas 1963 et all).

O mapeamento da área de estudo permitiu efectuar a distribuição geográfica dos elementos e assim perceber o contexto espacial, áreas escavadas, paisagem, entre outros elementos. A estação arqueológica de Mavita (Sussundenga-Manica), apresenta os primeiros indícios da extensão à costa da tradição Gokomere/Ziwa e é determinada pela tradição de olaria designada Gokomere, que se espalha pelo planalto interior constituindo grande parte da actual república do Zimbabwe. Esta dispersão é posteriormente confirmada pela descoberta da estação arqueológica de Hola-Hola (Sinclair 1985:15 e Duarte 1988:62).

A prospecção arqueológica no Save resultou na descoberta de novos dados arqueológicos que indicam uma ocupação prolongada nesta área e a sua importância para o estudo da ocupação humana no passado. Acreditamos na presença de mais estações da ocupação das primeiras comunidades agrícolas, tomando em consideração a grande diversidade de recursos naturais existentes nesta área. As comunidades contemporâneas de Hola-Hola (Etno-arqueologia) ainda reflecte o aspecto das comunidades agricultores e pastores do primeiro milénio AD. Isto, devido aos usos, hábitos e costumes. Hola- Hola as suas aldeias separam-se de 5km à 6 km de distância. Isto no passado verificou-se como destaque. As construções habitacionais (palhotas de arquitectura tradicional), usam material recolhido localmente como o caso de *dhaka*, que compacta o soalho e as paredes sobre os paus mais ou menos desenvolvidas que no passado (IICM 1977; Ngoro 2001 e Madiquida prs.com 2021).

A cerâmica constitui um meio de cultura abundante e idiossincrático, e muito das evidências consistem em restos de cerâmica. A arqueologia têm enfatizado a análise de cerâmicas, afinidade e o meio seguro de implicar os eventos pré-históricos. Na estação arqueológica de Hola-Hola houve diferenciação social das comunidades de agricultores e pastores AD. Isto devido a sequência de cerâmica, a configuração da estação e o espaço para a agricultura nas margens do rio Save. Nota-se restos de casas antigas ou amontoados de pedra calcária na colina, cerâmicas e *dhaka* visíveis. (Vogel 1978:15 e Duarte 1988).

No território moçambicano, com as orogenias iniciadas no pré-câmbrico, teve lugar o primeiro cenário geológico-tectónico, na qual se formou o esqueleto das principais montanhas do país, nomeadamente os complexos rochosos do chamado cratão Rodésiano (Zimbabwe), no pré-câmbrico inferior e o cinturão Moçambicano, “Moçambique belt”, no pré-câmbrico superior. Estes processos rochosos constituem o principal embasamento de cerca de 2/3 do território Moçambicano, sendo a sua principal área de dispersão, as regiões setentrionais e centrais do território nacional (Muchangos 1999:20).

Os vestígios mais importantes ocorrem no norte de Moçambique (Cabo Delgado, Niassa e Nampula), destacando-se o complexo de rochas mais antigo localizado no sistema da província de Manica no centro, que é a parte do cratão Rodésiano (Zimbabwe). A consolidação definitiva da crosta terrestre na África Austral teve lugar na transição do pré-câmbrico superior para o câmbrio, em que grandes regiões foram intensamente deformadas. Importante para reconstituição das condições físico-geográficas do passado e ao mesmo tempo relevante para o estudo das condições geográficas actuais (Muchangos 1999:20).

A Ilha de Chiloane, a aldeia de Hola-Hola e a aldeia de Jofane são limitados e sub-desenvolvidos no ponto de vista aos usos, hábitos, costumes, a vida em si, as vias de acesso para entrada nestas zonas do interior são muito deficientes. No ponto de vista arqueológico, geológico, geográfico, geomorfológicos, histórico e turísticos em termos de pesquisas é muito cara. A estação arqueológica de Hola-Hola está bem conservada depois de Mavita. Deste modo, as comunidades locais conservam e respeitam aquilo que são os hábitos e costumes dos antepassados. Recomenda-se que nesta área científica seja colocada placa que illustre este património arqueológico em coordenação com a UEM, DAA e a DNPC do Ministério da Cultura e Turismo.

7. Referências Bibliográficas

1. Adamowicz L; Shepard A e Dias M. 2010. Cerâmicas nos Estudos Etno-Arqueológicos. Colectânea de Textos de apoio para estudantes de Arqueologia e Gestão do Património Cultural. Caderno n 5. Maputo.
2. Barradas, L. 1963. Os Construtores dos Zimbabwe. Colaborador do IICM.
3. Barradas, L. 1967. A Primitiva Mambone e as Suas Imediações. Colaborador do IICM.
4. Binford, L. R. 1967. Smudge pits and hide smoking: the use of analogy in Archaeological reasoning, *American Antiquity*, v.32.n.1, p.1-12.
5. Binford, L. R. 1968. Methodological considerations of the archaeological use of ethnographic date. In LEE, R.B; DEVORE, i (Eds.). *Man the Hunter*. Nova Iorque: Aldine.
6. Duarte, R. T. 1987. Contribuição para o Estudo dos Grupos Populacionais em Moçambique. *Trabalhos da Arqueologia e Antropologia*, n° 4, Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Arqueologia e Antropologia, Maputo.
7. Duarte, R. T. 1988. Arqueologia da Idade do Ferro em Moçambique. In: *Trabalhos da Arqueologia e Antropologia* n° 5, Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Arqueologia e Antropologia, Maputo.
8. Filipe, V. 2013. As Sociedades Camponesas do Primeiro e Segundo Milénios na Região Central de Moçambique.
9. História de Moçambique. Volume 1. Parte I. 2000. Primeiras Sociedades Sedentárias e Impacto dos Mercadores 200/300 – 1885. Maputo.
10. IICM. 1977. Carta da província de Moçambique. Ministério do Ultramar. Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar. CEA. Maputo.
11. INDE / ENM. Atlas geográfico de Moçambique, Maputo, 2009.
12. Morais, J. 1978. Tentativa de definição de algumas formações sócia-econômicas em Moçambique de 0 a 1500. FLCS-Curso de História, IICM-CEA. UEM. Maputo.
13. Morais, J. 1984. Mozambican archaeology. Past and present. Pp. 113-128. 2.

14. Ministério da Educação, Atlas geográfico Volume I, Maputo, 1986.
15. Morais, J. 1988. “*The early Farming communities of Southern Mozambique*”. Eduardo Mondlane University, Mozambique. Central board of national antiquities. Sweden. Studies in African Archaeology 3.
16. Muchangos, A. Moçambique: Regiões Paisagens Naturais, Maputo: Edição do Autor, 1999.
17. Menezes, M. P. G. 2002. Glossário de Alguns Conceitos e Termos Utilizados em Arqueologia.
18. Marconi, M. A e Lakartos, E. M. 2003. Fundamentos de Metodologia Científica. Atlas 5ª edição.
19. Macamo, S. 2003. Dicionário da Arqueologia e Património Cultural de Moçambique.
20. Macamo, S. 2006. “Privileged places in south central Mozambique: The Archaeology of Manyikeni, Niamara, Songo and Dengue-Mufa”. Studies in Global Archaeology.
21. Madiquida, H. 2006. The Iron Age communities in the Zambezi river basin: excavations in Mozambique.
22. Ministério das Pescas Instituto Nacional de Desenvolvimento da Aquacultura. 2011 Actualização de Zonas Potenciais para Aquacultura Marinha em Moçambique.
23. Macamo, S. 2014. Plano Analítico de Aulas da disciplina de Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique (CAPM). Ano II, Semestre II. UEM. Maputo.
24. Ministério da Administração Estatal. Edição 2014. Perfil do distrito de Machanga província de Sofala.
25. Madiquida, H. 2015. Archaeological and Historical Reconstructions of the Foraging and Farming Communities of the Lower Zambezi. From the mid/Holocene to second Millenium AD. Studies in Global Archaeological 21. Uppsala Universitet. Sweden.
26. Ndoro W.2001. Your Monument our Shirine. The preservation of Great Zimbabwe. Doctoral thesis in Archaeology at Uppsala University.

27. Oliveira, O. R. 1973. “Zimbábues de Moçambique: Proto-História africana”. *Revista Monumenta* 9: 31-64.
28. Phillipson, D.W. 1977. *The later prehistory of eastern and southern African*. London: Heinemann.
29. Pwiti, G. 1996. *Change and Continuity. Farming and Communities*.
30. Rodrigues, M. C. 2006. O primeiro sítio com vestígios de utilização do ferro e cerâmica “tradicional” da Early Iron Age Localizado em Moçambique-província da Zambézia. Fevereiro, Lisboa.
31. Sinclair, Paul J J, 1984 – 1985. *Excavations the University Campus*. Maputo, Mozambique.
32. Sinclair, P. J. J. 1985 nº11:7. *Etno-Archaeological Surveys of the Save Valley, South Central Mozambique*. Working Papers in African Studies, Uppsala. Abril.
33. Sinclair, P. J.J. 1987. “*Space, Time and Social Formation: a territorial approach to the archaeology and anthropology of Zimbabwe and Mozambique c 0-1700 AD*”. Society as archaeological Upsaliensis. Uppsala.
34. Sinclair, P. J.J.1988. *Simulated Slag distribution from zitundo, 2632Db9*. Studies in African Archaeology 2: analyses of slag, iron, ceramics and animal bones from excavations in Mozambique. 7-11pp. Maputo. Department of Archaeology and Antropology.
35. Silva, F. A. 2009. *Etnoarqueologia: uma perspectiva - Arqueologia para o Estudo da Cultura Material*. Universidade de São Paulo.
36. Silva, F. A.2009. *A Etnoarqueologia na Amazónia: Contribuições e Perspectivas*. Universidade de São Paulo.
37. Thompson C, G. 1931. *The Zimbabwe Culture: Ruins and Reactions* Clarendon press, Oxford.
38. *Trabalhos da Arqueologia e Antropologia* nº 1. 1980. UEM, DAA, Maputo.
39. Vogel, J. O. 1978. *The GokomereTradion*. South African Archaeological Society.
40. Werlang, M. K. *Geomofologia (Recursos electrónico)* Santa Maria, RS: UFSM, 2019.

8.Anexos



Fotografia 11: Estação arqueológica de Hola-Hola e vista parcial do rio Save. Foto: Madiquida 2019.

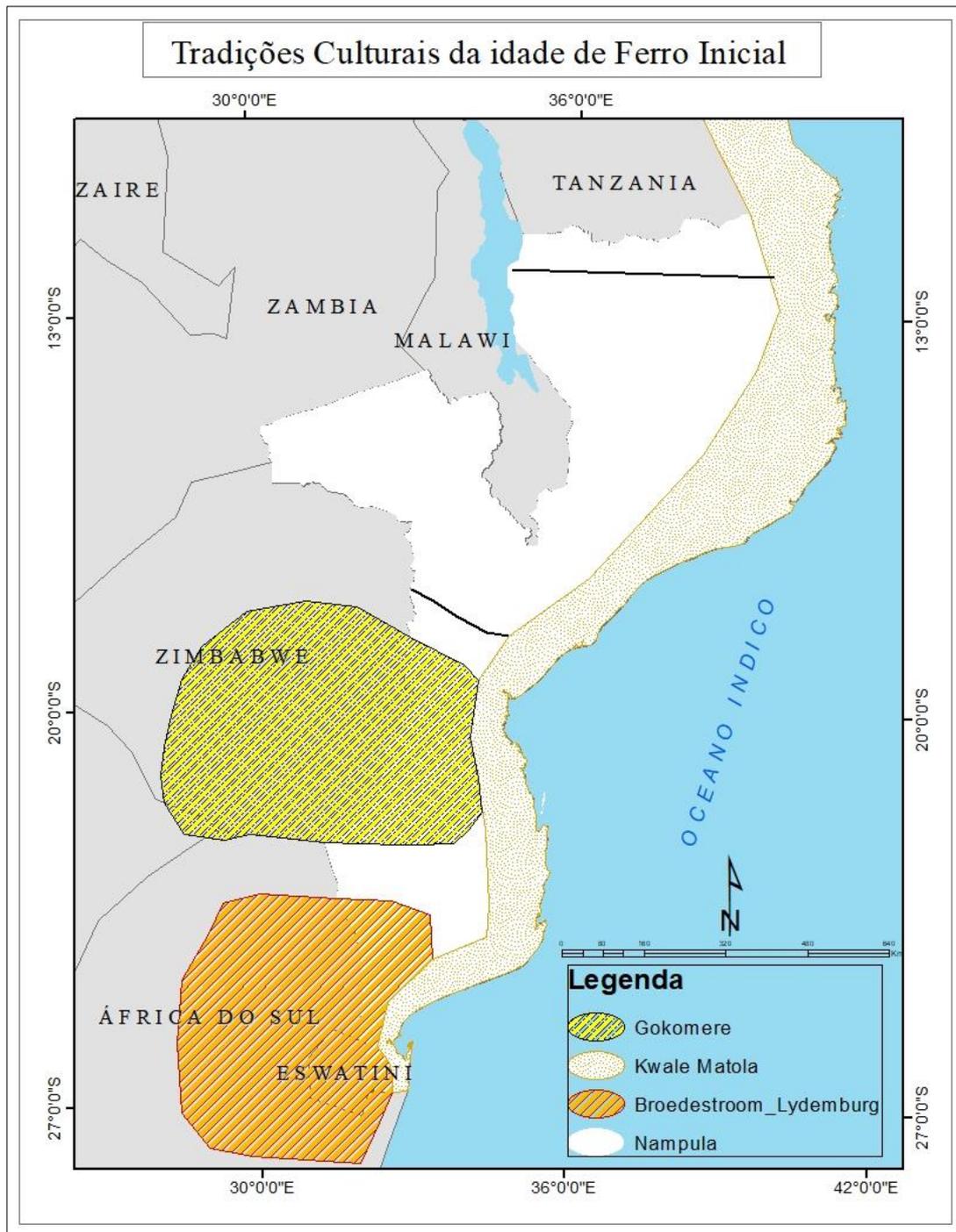


Figura 11: Tradições Culturais da idade de Ferro Inicial (Mapa de Moçambique e países vizinhos). Elaborado por Duarte 1987:44 (Adaptado por Braimo Ali 2022).



Figura 13: Mapa de África com algumas estações arqueológicas referenciadas no texto. Elaborado por Madiquida 2015:19.

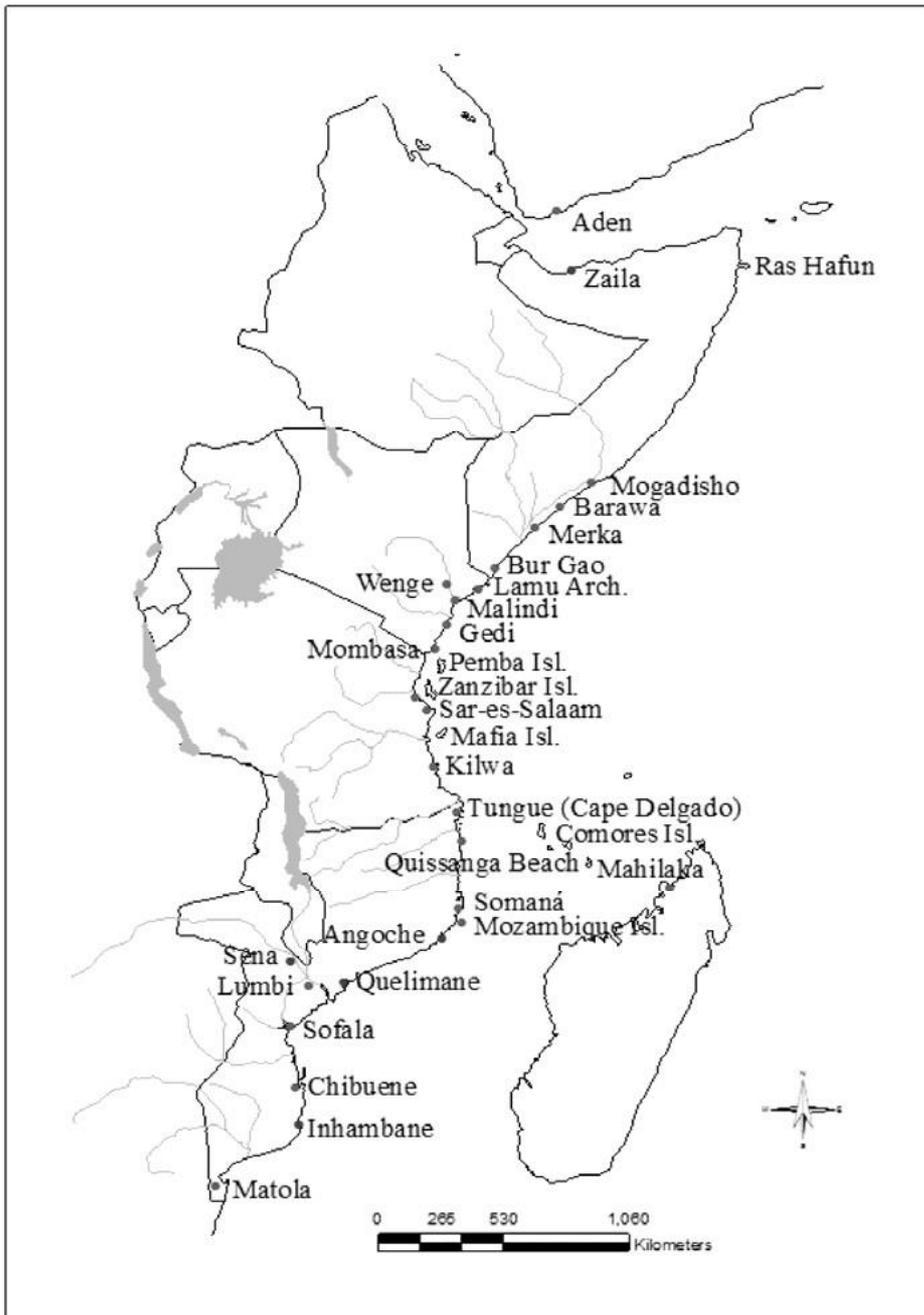


Figura 14: O mapa da Costa Oriental da África entre os séculos X e XV A.D. com algumas estações arqueológicas mencionadas no texto. Madiquida 2015:63 Adaptado por chittick 1975.

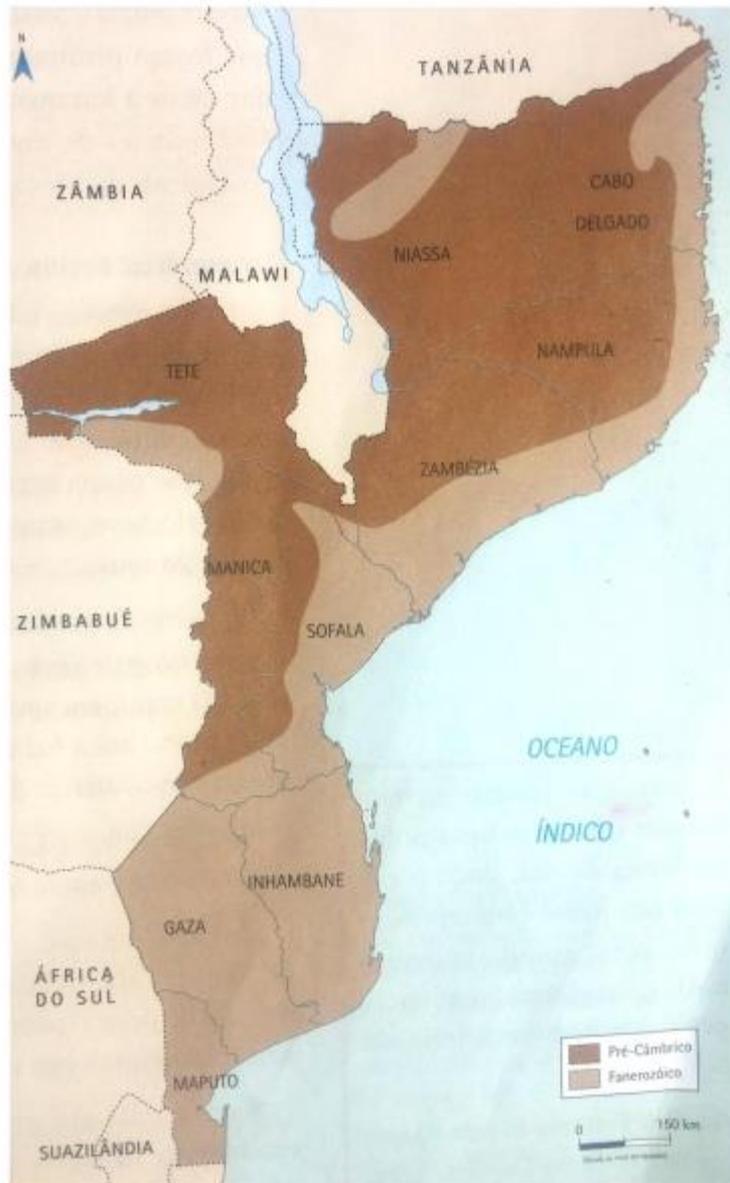


Figura 15: Grandes Unidades Geológicas de Moçambique. Imagem do Google.